Unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

THIAGO PACHECO GEBARA

A aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude: uma análise interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean Marie Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer

ARARAQUARA – S.P.
2023

THIAGO PACHECO GEBARA

A aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude: uma análise interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean Marie Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin.

ARARAQUARA – S.P.
2023

G293a

Gebara, Thiago Pacheco

A aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude : uma análise interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean Marie Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer / Thiago Pacheco Gebara. -- , 2023

92 p.

Trabalho de conclusão de curso (-) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara,

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Aceleração tecnológica. 2. Juventude. 3. Hartmut Rosa. 4. Jean Marie Twenge. 5. Manfred Spitzer. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THIAGO PACHECO GEBARA

A aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude: uma análise interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean Marie Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin.

Data da defesa/entrega: 18/01/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin.
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras

---

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letra

---

Membro Titular: Profa. Dra. Carla Gandini Giani Martelli
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin, por me mostrar os caminhos possíveis, pela paciência quando surgiram dúvidas, pela liberdade que me concedeu nesse percurso, pelos conselhos e pela inspiração que me deu através de sua dedicação como professor e pesquisador.

A minha mãe Josiane, meu pai Adriano e meu irmão Miguel, por todos os sacrifícios que fizeram ao longo da vida para que eu pudesse chegar aqui. Que sempre acreditaram em mim, ouviram minhas angústias, me deram força para continuar e me incentivaram a fazer o melhor que posso, não só por mim, mas por toda a minha família.

As minhas avós, tias, tios, primos e primas, pelas comemorações e pelos bons momentos, pela ajuda e preocupação.

Aos meus amigos e amigas que tornaram essa caminhada mais prazerosa e sempre estiveram ao meu lado quando precisei, dividindo momentos tristes e felizes, mas sempre juntos.

A todos professores e professoras da Unesp-FCLAr, que ao longo desses anos me ensinaram sobre muitas coisas, principalmente a buscar a reflexão crítica.

Aos educadores, educadoras e cursistas que conheci no Cursinho Unificado do Câmpus de Araraquara (CUCA), pelas diversas noites nas salas de aula ao longo dos anos, por transforarem minha visão de mundo, abrirem novas possibilidades para mim dentro do curso de Ciências Sociais e me mostrarem a beleza, a importância e a potência da educação popular.

Aos petianos do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais (PET Sociais) da Unesp de Araraquara, em especial ao nosso tutor Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, por estarem comigo desde meu primeiro ano de graduação, por todas as reuniões semanais, por todos os debates e principalmente por mostrarem o impacto que uma universidade pública pode ter na realidade quando trabalha junto com a comunidade.

A todos aqueles que cruzaram o meu caminho e fizeram parte dessa história.

Mas aqui já começa outra história, a história da renovação gradual de um homem, a história do seu gradual renascimento, da passagem gradual de um mundo a outro, do conhecimento de uma realidade nova, até então totalmente desconhecida.

(Fiódor Dostoiévksi)

RESUMO

A investigação sociológica cresce não apenas dentro de seus limites tradicionais, mas tendo contato com diferentes áreas do conhecimento que visam compreender a complexidade das ações e relações sociais na sociedade capitalista contemporânea e globalizada. A pesquisa analisa a importância desse diálogo interdisciplinar entre a sociologia, a psicologia e neurociência através de três pontos fundamentais: 1) a aceleração tecnológica e a aceleração social na modernidade tardia (ROSA, 2019), que geraram permanente e difusa mediação do mercado e da tecnologia nas ações e relações sociais, sobretudo, pelo uso prolongado dos *smartphones*, 2) os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na *Geração Eu*, dos nascidos entre 1995 e 2007, uma juventude na qual prolifera o profundo individualismo, consumismo, narcisismo e hedonismo, e que é a primeira geração na história a ter seu processo de passagem para a vida adulta permeada pelo uso diário de tecnologias. (TWENGE, 2018) e 3) os efeitos patológicos causados pelo uso abusivo de tempo dos novos instrumentos digitais: a ansiedade, o déficit de atenção, a irritabilidade, a dependência tecnológica, a vida virtual (SPITZER, 2015).

Palavras Chave: aceleração tecnológica; juventude; Hartmut Rosa; Jean Marie Twenge; Manfred Spitzer.

ABSTRACT

Sociological research grows not only within its traditional limits, but also having contact with different areas of knowledge that aim to understand the complexity of social actions and relationships in contemporary and globalized capitalist society. The research analyzes the importance of this interdisciplinary dialogue between sociology, psychology and neuroscience through three fundamental points: 1) technological acceleration and social acceleration in late modernity (ROSA, 2019), which generated permanent and diffuse mediation of the market and technology in social actions and relationships, especially by the prolonged use of smartphones, 2) social effects, psychicand pathological in Generation I, of those born between 1995 and 2007, a youth in which deep individualism, consumerism, narcissism and hedonism proliferate, and which is the first generation in history to have its process of passage to adulthood permeated by the daily use of technologies. (TWENGE, 2018) and 3) the pathological effects caused by the time abuse of new digital instruments: anxiety, attention deficit, irritability, technological dependence, virtual life (SPITZER, 2015).

Keywords: technological acceleration; youth; Hartmut Rose; Jean Marie Twenge; Manfred Spitzer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6

1. O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO 9

1.1 O fim do capitalismo industrial 9

1.1.1 Diferentes estruturas 10

1.1.2 Modos de produção 11

1.1.3 Modos organizacionais 12

1.1.4 O “moinho satânico” 12

1.2 Conflitos geográficos na globalização 13

1.2.1 Sócio-espaço 14

1.2.2 Lugares e não lugares. 14

1.2.3 Indivíduos isolados 15

1.2.4 Países isolados 16

1.3 Os paradoxos da globalização 17

1.3.1 Identidades 17

1.3.2 Modernismo paradoxal 18

1.3.3 Direitos paradoxais 19

1.3.4 Os paradoxos da imigração 20

1.3.5 A modernidade enquanto crise. 22

1.3.6 A contradição como parte do processo 22

1.3.7 Os indivíduos na modernidade tardia 23

1.3.8 Mudanças incessantes 24

1.4 Tecnização e Civilização 25

1.4.1 Técnica e progresso 26
1.4.2 A importância da interdisciplinaridade 27
1.5 Questões geracionais. 28
1.5.1 Novas perspectivas das questões geracionais 28
1.5.2 A confiança no amanhã 30
1.5.3 Autoridade e autoritarismo 31
1.5.4 Questões geracionais e aceleração tecnológica 32
1.5.5 Desigualdade social e digital 34
1.5.6 Felicidade e a lógica utilitarista 35
1.5.7 Dificuldades de organização da juventude 36
2. A SOCIOLOGIA DE HARTMUT ROSA, A PSICOLOGIA DE JEAN M. TWENGE E A NEUROCIÊNCIA DE MANFRED SPITZER 38
2.1 A aceleração social 38
2.1.1 A aceleração tecnológica 39
2.1.2 A aceleração da mudança social 40
2.1.3 Aceleração do ritmo de vida 40
2.2 Os efeitos (sociais, psíquicos e patológicos) na juventude 41
2.3 A sociologia de Hartmut Rosa 42
2.3.1 Novas formas de alienação. 43
2.3.2 A juventude e a alienação 47
2.4 A psicologia de Jean M. Twenge 47
2.4.1 *Smartphones* 48
2.5 A neurociência de Manfred Spitzer 50
2.5.1 Multitasking e neurociência 50
2.6 Os impactos da revolução tecnológica. 52

2.6.1 O “Homem invertido”. 53
2.6.2 Da juventude ao consumo 53
2.7 Universo digital e educação 57
2.7.1 Nativos digitais, imigrantes digitais na educação 58
2.7.2 Aprendizado simultâneo? 59
2.7.3 Educação, estigmas e instituições totais. 61
3. O UNIVERSO DIGITAL E SEUS IMPACTOS. 65
3.1.1 Saúde mental 65
3.1.2 Tendências 66
3.2 As determinações das redes sociais. 67
3.2.1 Redes sociais, *internet* e a lógica do mercado 68
3.2.2 Os malefícios reconhecidos 69
3.2.3 Reféns da comunicação 71
3.2.4 De sujeitos a objetos. 73
3.2.5 Introdução ao vício 75
3.2.6 Conteúdos impróprios 76
3.2.7 Internet e diversidade 77
3.2.8 Outra política 78
3.2.9 Responsabilidades pelos riscos. 79
CONCLUSÃO 82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 84

INTRODUÇÃO

> Depende de nós decidir se essas conquistas da natureza e do conhecimento devem ser usadas para fins terríveis e desumanos ou se devem ser empregados para criar o tipo de progresso com que sonhamos – e, na verdade, um tipo de progresso com que ninguém jamais sonhou, porque as potencialidades que agora se divisam jamais estiveram presentes antes na história do mundo. (HUXLEY. 2016, p. 122.)

É com base na pessoa que vive em um mundo globalizado que a presente monografia realiza seus questionamentos. As mudanças no modo como os indivíduos se relacionam consigo e com o outro, com o tempo e com o espaço, com a natureza e com as coisas (instrumentos), geram uma nova forma de se situar e compreender o mundo, de organização, de relações sociais, de se entender enquanto ser humano, e é nesse quesito que reside a motivação inicial: compreender a aceleração tecnológica e os seus efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude

Para uma compreensão complexa das novas questões sociais que surgem a partir dessa dinâmica, é necessário realizar uma distinção entre o capitalismo industrial e o capitalismo contemporâneo, determinando como, quando e por quais motivos houve essa transição. (Capítulo 1)

As contradições e paradoxos que permeiam as esferas econômicas, políticas, geográficas, culturais, sociais, identitárias, familiares, institucionais e tecnológicas constroem um cenário no qual as gerações passam a ter que lidar com fatos históricos que nunca antes foram presentes na humanidade: uma relação diária de tecnologias altamente desenvolvidas e rápidas e a formação identitária, coletiva, educacional, profissional, familiar, das novas gerações.

Na tentativa de analisar as questões geracionais sociologicamente, mas permitindo que o campo de estudo se amplie, três teorias de três autores de áreas distintas do conhecimento serão utilizadas.

A sociologia de Hartmut Rosa, analisando mudanças sociais e questões geracionais a partir do conceito da aceleração social. A psicologia de Jean. M. Twenge, interpretando bancos

de dados sobre a juventude e a tecnologia nos Estados Unidos da América, especificando quais as características próprias das novas gerações, e a neurociência de Manfred Spitzer, que ao compreender o impacto das tecnologias em crianças e adolescentes, insere a variável das patologias no debate sobre gerações e tecnologias. (Capítulo 2)

As manifestações práticas dos fenômenos compreendidos, de como as grandes corporações ocupam o mercado e influenciam as juventudes no modo de agir, pensar e até mesmo se revoltar, serão úteis para uma perspectiva global das mudanças geopolíticas, educacionais, econômicas, culturais, que estão ocorrendo e de que maneira a lógica da modernidade tardia está presente na quantidade crescente do uso de novas tecnologias por crianças e adolescentes sobretudo, mas também por adultos e idosos, e as consequências que podem ser pensadas a partir desse panorama. (Capítulo 3)

Quando se fala sobre crianças, adolescentes e questões geracionais, utilizaremos como referência as definições de Jean M. Twenge (2018) para definir o que é a geração *Eu*, que também é denominada como geração Z, *centennials* e alguns outros nomes. As pessoas que ocupam essa geração são os nascidos a partir de 1995 até 2012, e a justificativa para os marcos podem ser encontrados na obra da autora de forma mais aprofundada.[1]

As juventudes são plurais (PAIS, 1993), tem perspectivas diferentes e maneiras distintas de como ocupar o mundo, reforçar ou reestruturar valores, normas, e se organizar em grupos e classes sociais. Há um na pesquisa de buscar compreender a complexidade e pluralidade dos indivíduos, na mesma medida em que se analise as consequências das mudanças no âmbito macro e seu impacto na vida pública e privada.

O panorama do capitalismo contemporâneo e o embasamento teórico utilizado na monografia se deparam com diversos termos utilizados para categorizar, analisar e compreender as mudanças geopolíticas, tecnológicas, filosóficas, sócio-históricas, políticas e econômicas, dentre eles, *modernidade líquida, modernidade tardia, globalização, terceira modernidade, sociedade de risco, sociedade do cansaço, sociedade da informação* etc.

---

[1] Outra referência de definição de gerações pode ser encontrada em DIMOCK, Michael. Defining Generations: Where Millennials end and Generation Z begins. Pew Research Center. Janeiro de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/ > Acesso em 22 de outubro de 2021.

Cada termo carrega em seu conteúdo o corpo de análise respectiva de cada autor e obra, o intuito é propor o diálogo dentre diversas perspectivas, que vão além da própria sociologia, para que seja possível uma análise plural, que consiga expor várias esferas da vida em sociedade.

1. O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

> No curso de todas as revoluções tecnológicas registraram-se diversos impulsos aceleratívos, responsáveis por mudanças substanciais no processo produtivo e nos modos de vida das sociedades humanas, sem se configurarem como revoluções porque não deram lugar ao surgimento de novas formações socioculturais. [...] Estaremos, agora – com a implantação da tecnologia científica moderna de base termonuclear e eletrônica –, diante de uma aceleração cíclica da mesma natureza ou diante de transformações tão prodigiosas das forças produtivas e tão prenhes de consequências que devamos classificá-las como uma nova revolução tecnológica? (RIBEIRO, Darcy. 2000, p. 161)

1.1 O fim do capitalismo industrial

Na sociedade ocidental, nacional e industrial, que se desenvolve rapidamente a partir do século XIX e primeira metade do século XX, havia a noção de centralidade, da soberania do Estado-Nação na função de promover e manter a coesão social e criar uma identidade nacional (MARCUSE, 1982), quase que "culto" ao capital industrial, da imagem da fábrica que substituiu o antigo posto pertencente à igreja no fornecimento da visão de mundo dos indivíduos.

Além de possuir o território delimitado e fechado, com fronteiras que não poderiam ser transpassadas, estabelecendo uma relação causal, cultural-tradicional entre o passado de seu país, suas histórias, seus heróis, o presente vivenciado no momento, e o futuro, desejado e almejado a partir de noções de identidade coletiva nacional, computam-se acordos e compromissos que fundam a democracia moderna.

Como dito por Hobsbawn (1995, p. 440), desde as revoluções políticas e econômicas ocorridas no século XVIII, até a metade do século XX, houve um crescimento exponencial do que era conhecido enquanto Estado-nação, a saber, o monopólio de poder efetivo, e seus privilégios históricos dentro de suas fronteiras, além de ser a instituição central da política na *Era das Revoluções*, controlando forças sociais, conflitos políticos e impondo crescimento econômico de dentro para fora.

Continua o autor (ibidem), dizendo que, independentemente se os governos fossem liberais, conservadores, social-democratas, fascistas ou comunistas, os cidadãos tinham, em

diferentes esferas da vida, parâmetros determinados quase que exclusivamente pelos Estados "modernos", seja pela sua atividade ou inatividade.

1.1.1 Diferentes estruturas

Contrapondo as formas organizacionais da sociedade nacional e industrial, a globalização econômica e política, que se inicia na década de 80, com acontecimentos políticos importantes especificamente em 1989 e 1991 - respectivamente a queda do muro de Berlim, que instaura o fim da cortina de ferro e início da derrocada do comunismo na Europa e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), promulgando o capitalismo enquanto vencedor da guerra fria. Demonstram que, além do funcionamento, há um desfecho distinto do que era idealizado pela noção desenvolvida através do modernismo[2]

Ocorre uma erosão da ideia de centralidade como forma organizacional, a soberania do Estado-nação não detém mais capacidade de estabelecer a identidade nacional e comandar os desfechos da sociedade. Além disso, existem forças que vão além das que eram conhecidas internamente nos países.

O que antes era compreendido como forças sociais e políticas locais, a partir da década de 80 e, sobretudo, de 90 se tornam globais, com corporações transnacionais dividindo as decisões entre países que estão em diferentes patamares de desenvolvimento econômico, além do capital financeiro que virtualiza e descentraliza o lucro das fábricas e da produção material.[3]

---

[2] "defino modernismo como qualquer tentativa feita por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele. Trata-se de uma concepção de modernismo mais ampla e mais inclusiva do que a que costumamos encontrar em obras acadêmicas. Ela implica uma visão aberta e abrangente da cultura; é muito diferente da abordagem museológica que subdivide a atividade humana em fragmentos e os enquadra em casos separados, rotulados em termos de tempo, lugar, idioma, gênero e disciplina acadêmica." (BERMAN, 2007, p. 11)

[3] "No fim do século, o Estado-nação se achava na defensiva contra uma economia mundial que não podia controlar; contra as instituições que construíra para remediar suas próprias fraquezas internacionais, como a União Europeia; contra sua aparente incapacidade fiscal de manter os serviços para seus cidadãos, tão confiantemente empreendidos algumas décadas atrás; contra sua incapacidade real de manter o que, pelos seus próprios critérios, era sua maior função: a manutenção da lei e da ordem públicas. (HOBSBAWM, 1995, p. 440)"

Aquilo que era fechado e fixo, tora-se aberto e móvel, “em lugar da antiga auto-suficiência e do antigo isolamento local e nacional, desenvolve-se em todas as direções um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações” (IANNI, 1995 p. 60).

Com Margaret Thatcher como primeira-ministra na Inglaterra (1979-1990) e Ronald Reagan como presidente dos Estados Unidos (1981-1989), processos de deslocamento das indústrias dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento, em menos de uma década reduzem o custo do trabalho e demonstram a capacidade objetiva de desvencilhar a classe trabalhadora organizada (que se estruturou no período do *New Deal* e do *Welfare State)* da capacidade *política* de influenciar sobre a distribuição de renda, sobre a direção da empresa, sobre a organização do trabalho e sobre os sistemas de proteção social. (GALLINO, 2011)

O regime do *Welfare State* e da economia keynesiana, que se estruturam de três maneiras distintas, como demonstra Esping-Andersen (1991), cede lugar para políticas neoliberais, promovendo o livre mercado, a *desregulamentação* dos movimentos dos capitais, bem como a *desterritorialização* e o *deslocamento* dos capitais.

1.1.2 Modos de produção

Substitui-se, nesse período, o modo de produção em massa, desenvolvido pelo *fordismo* na década de 20, pelo *toyotismo*, que tem como norte a frase *Just in time*[4]. O estoque e a linearidade não são mais desejáveis, o que é impulsionado é o *presentismo*, desde a produção, transporte, distribuição, até o consumo, o propósito é a personalização do que antes era padronizado.

O mercado em massa criado pelos fabricantes de carro expôs a possibilidade de fabricantes de outros artigos implementarem esse modo de produção acessível para as classes mais baixas (ELIAS, 2005, p. 10), que ao mesmo tempo que se tornava consumidora, aumentava a média de seus salários, ou seja, assistia sua qualidade de vida, em geral, aumentar.

---

[4] Just in Time (JIT) surgiu no Japão, na década de 70, sua tradução literal seria “bem na hora”. A mudança significativa que ocorreu com o surgimento desse modo de produção, deriva do fato de que os produtos e matérias primas, necessários para produção de algum bem de consumo, por exemplo, só chegariam nas fábricas e demais pontos de serviço sob demanda, ou seja, não haveria estoque, assim como não haveria padronização, o consumo passa a ter uma personalização que não existia anteriormente com o *fordismo* e as crises por excesso de produto são “evitadas” na medida em que se aumenta a capacidade de inovação e dinamização industrial.

Na nova configuração do capitalismo, se conserva o mercado, os consumidores ainda são necessários, contudo, a questão da seguridade social e o aumento da qualidade de vida não mantiveram uma linearidade, como ocorrera no período anterior.

1.1.3 Modos organizacionais

Os grandes grupos sociais e instituições básicas da sociedade nacional e industrial são dissolvidos. O pleno emprego do *Welfare State* desaparece em detrimento do trabalho flexível e *part-time* (meio-período). [5] A ciência e a crítica da racionalidade sofrem um desencantamento, o que coloca em xeque os tradicionais limites de departamento e jurisdição.

Transporta-se, da esfera do nacional para o global a questão do poder. A esfera cultural que era vista como forma de poder através da tradição, fixava valores e dava sentido a uma trajetória lógica entre passado-presente-futuro não está apta para integrar a globalização.

Há o rompimento entre o poder e a política. O primeiro se encontra situado no global, através das corporações transnacionais, das redes e meios de comunicação onipresentes e omniscientes. O segundo se encontra dentro do território nacional, incapaz de controlar as incessantes inovações e demandas promovidas pela globalização, as crises financeiras e políticas, os "fluxos migratórios" e as forças econômicas.

Como demonstrado por Axel Honneth (2014), surgem novas demandas sociais e lutas por reconhecimento na era global. As dinâmicas entre grupos, questões identitárias, geracionais, direitos civis, sociais e políticos, se manifestam em uma nova configuração a partir das mudanças expostas em 1.1.1 e 1.1.2.

1.1.4 O "moinho satânico"[6]

Karl Polanyi (2000), compreendendo o século XIX, utiliza o termo "moinho satânico" para exemplificar o período histórico no qual se consolida o processo de revolução industrial, onde se consolida uma forma de economia capitalista industrial. A economia de mercado, que é regida pela lógica do mercado autorregulável, é um "moinho satânico" que transforma toda a realidade em mercadoria.

---

[5] Para exemplificação, ver GALLINO, L. Vite rinviate. Lo scandalo del lavoro precario. Roma: Laterza ("Dalla flessibilità del lavoro alla precarietà della vita"). 2014

[6] Para melhor entendimento ver "O moinho satânico" em POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens de nossa época. 2. ed. – rio de janeiro. Compus, 2000, p. 15-159.

A passagem do século XIX para o século XX, com a crise da civilização liberal e a formação de novas formas de organização, da sociedade nacional e industrial, como tratado em 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3, demonstra a existência de novas demandas sociais que essa estrutura não era capaz de resolver.

Já a passagem do capitalismo nacional e industrial para o globalizado, a partir da década de 80, conota, como o próprio termo *neo* em neoliberalismo, a volta de perspectivas passadas, estruturadas de uma nova maneira, com novas demandas, mas com uma lógica semelhante.

O "moinho satânico", que tudo transforma em mercadoria, que irá moer tudo, se coloca em escala global e é organizado a partir das *Think Tanks*, que auxiliam na consolidação do capitalismo financeiro (GALLINO, 2011), globalizado, em uma ideologia que preze pelo sujeito autodeterminado, que para ser feliz o tempo todo deve buscar o poder e o prestígio social através do lucro e do consumo de produtos midiáticos que estão em voga.

Refletindo sobre o final do século XX e o novo milênio que estava por vir, Hobsbawm dirá que "em suma, o século acabou numa desordem global cuja natureza não estava clara, e sem um mecanismo óbvio para acabar com ela ou mantê-la sob controle. (1995, p. 430)

Nesse período histórico que lida com questões nunca antes presenciadas, mas que retoma formas organizacionais do mercado autorregulado, do trabalho não garantido, a figura central é a busca pelo prazer irrestrito, pela conquista dos poderes do mundo, pela dominação e visão do outro enquanto meros objetos inanimados. O resultado são tragédias decorrentes do paradoxo criado por esse *ethos* individual e um sistema de promessas contraditórias.

1.2 Conflitos geográficos na globalização

O espaço em que se desenvolve o capitalismo contemporâneo (ver 1.1) é compreendido enquanto dotado de conflito. Nele ocorrem lutas de classe (MARX & ENGELS. 1988), manifestações culturais, religiosas, políticas, crises de instituições, novas tendências geracionais, novos movimentos sociais e, sobretudo, revoluções tecnológicas (RIBEIRO, 2000), ou seja, é um sócio-espaço.

1.2.1 Sócio-espaço

Um sócio-espaço é o oposto de um espaço neutro, que é apenas um recipiente de atividades, ficando em segundo plano para que indivíduos e grupos se manifestem economicamente, politicamente, culturalmente, geograficamente.

O espaço como sócio-espaço não permite que sua compreensão seja dada através da soma de ocorrências dentro de si, como por exemplo, número de pessoas, número de estabelecimentos, número de migrações, totalizando o que seria um espaço, nem como mero meio para se atingir alguma finalidade.

Ao observar as mudanças no modo de produção que ocorrem a partir do fim do século XX, além de analisar os paradoxos da globalização, David Harvey (2009, p. 257) dirá que existem conflitos, fragmentações, que se manifestam e se atenuam, conforme se acelera o giro da produção - e consequentemente do consumo.

Os acontecimentos dentro de um espaço, as contradições existentes, as mudanças que daí surgem são, portanto, relacionadas com o capital e suas determinações. É um importante dado, já que as transformações ocorridas no final do século XX e a visão de um espaço enquanto sócio-espaço determina que o capital e seus novos mecanismos de expansão irão impor causalidades no modo de vida, organização, trabalho, modo de produção, das pessoas e instituições ao redor do globo.

1.2.2 Lugares e não lugares.

A descentralização, desregulamentação, desterritorialização, como exposto em 1.1.1, colocam novas problemáticas nos sócio-espaços, a ponto de tornar lugares[7] em não lugares. (AUGÉ, 2012.)

Em outros termos, lugares - espaços apropriados, vivenciados, que modificam e são modificados a partir da cultura humana específica - (Ibidem), deixam de ser originais, de comportar tradições e vivências e modificar o entorno através dessa relação dialética, dos conflitos existentes no espaço, para se tornarem simulacros de lugares ideais na visão

[7] Ver Carlos, A.F.A. Definir o lugar? In: Carlos, A.F.A. O lugar do/no mundo. São Paulo: FFCLH/USP, 2007. p. 17-20, para definição de lugar.

globalizada, como acontece com os restaurantes de *fast-food*[8], os *shoppings centeres*, os aeroportos, dentre outros tantos não-lugares.

Em *São Bernardo*, Graciliano Ramos (1968, p. 35), descrevendo em um trecho o progresso e a mudança de um vilarejo, exemplifica a dialética entre capital e os sócio-espaços:

> Mudou Tudo. Gente Nasceu, gente morreu [...] O povoado transformou-se em vila, a vila transformou-se em cidade, com chefe político, Juiz de Direito, promotor e delegado de polícia. [...] Veio o Vigário, que fechou a capela e construiu uma igreja bonita. As histórias dos santos morreram na memória das crianças. Chegou o médico. Não acreditava nos santos. [...] Efetivamente a cidade teve um progresso rápido. Muitos homens adotaram gravatas e profissões desconhecidas. Os carros de bois deixaram de chiar nos caminhos estreitos. O automóvel , a gasolina, a eletricidade e o cinema. E impostos. As moças e os rapazes não rodeavam, de braço dado, as fogueiras de São João: dançavam o tango, o frevo. (grifo nosso)

1.2.3 Indivíduos isolados

Como dito por Ianni (1995, p. 100), indivíduos, famílias, grupos, classes e outros segmentos sociais, não tendo acesso às informações, aos fatos em suas diversas articulações, mas ao mesmo tempo sendo continuamente bombardeador por mensagens, recados, interpretações distantes, dispares, alheias, se perdem no desconcerto do mundo.

Simultaneamente, para o autor (ibidem**)**, os interesses referentes à apropriação econômica e dominação política, às condições de produção e participação cultural são articulados e rearticulados pelos sistemas mundiais mais ativos e poderosos.

Disso se desenvolvem condições de alienação (ver 2.3.1) e, consequentemente, acentuam-se as de solidão (SPITZER, 2015). A revolução que ocorre nas noções de espaço e tempo a partir da globalização fazem com que o indivíduo se forme a partir de uma dimensão

---

[8] O fenômeno do *fast-food* e sua lógica se estendem para além desse próprio nicho. Hoje, por exemplo, há a questão social do denominado *fast-food* espiritual. Aplicativos digitais criados para meditação e padronização de jornadas espirituais, fazem com que a filosofia e a cultura sejam ofuscadas pela praticidade e rapidez de um momento, breve, que serve para retomar atividades do próprio cotidiano. Ver URZAIZ, G. Begoña. Furor com aplicativos de meditação: revolução do bem-estar ou “fast food” espiritual?. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/ideas/2021-10-19/furor-com-aplicativos-de-meditacao-revolucao-do-bem-estar-ou-fast-food-espiritual.html > Acesso em: 20 de outubro de 2021.

que nunca antes ocorreu na história, o que propicia um sentimento de solidão igualmente nunca antes atingido na sociedade global.

As novas configurações surgem a partir da especificidade histórica da nova economia, que em sua dinâmica de um sistema econômico mundial, serve como forma de transição para um modelo informacional de desenvolvimento (CASTELLS, 2003, p, 120).

Esse sistema, ainda utilizando da análise de Manuel Castells, demonstra que a tecnologia e o gerenciamento da tecnologia ao impactar mudanças organizacionais, transforma, simultaneamente, novos mercados de telecomunicações, de consumo informacional, de controle tecnológico, além de atingir, aos poucos, as atividades de serviços diversos que encontram menos incentivo no uso tecnológico e nas mudanças organizacionais desse modo de produção dinâmica do capital. (ibidem, p. 132)

1.2.4 Países isolados

Utilizando o conceito de meio técnico-científico-informacional de Milton Santos (2008), percebe-se que a economia globalizada gera impulsos para que, através de consensos, como o Consenso de Washington (1989), exista uma impossibilidade de países imporem barreiras ao livre comércio internacional. Tornam-se, portanto, reféns das corporações, além de servirem como meios para reprodução do capital.

Umas das diversas consequências é a de que haja o fenômeno da "guerra dos lugares", no qual os territórios dependentes buscam atrair investimentos, modificando-se e produzindo atrações que são viáveis e viabilizadas pelo capital internacional.

Existem diversos acontecimentos[9] que exemplificam as consequências no cotidiano das pessoas, sobretudo da classe trabalhadora, que se encontra cada vez mais fragilizada e com

---

[9] O documentário Roger And Me, escrito, produzido e dirigido por Michael Moore em 1989, ao buscar expor as consequências da demissão em massa de trabalhadores em Flint, Michigan, onde se encontravam as onze fábricas da General Motors, inclusive sua sede originária, demonstra como os lugares foram modificados, cultural, política e economicamente a partir da década de 80.
Outro caso, mais recente, ocorreu no Brasil, quando a Ford, ao ser questionada da motivação que levou ao encerramento de suas atividades em território brasileiro, manifestou que as causas foram: "Continuidade do ambiente econômico desfavorável" e "pressão adicional causada pela pandemia". A justificativa pode ser verificada em BARRUCHO, Luis. Ford: afinal, por que a montadora decidiu encerrar a produção de veículos no Brasil? BBC. Londres. 13 de janeiro de 2021. disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55640907. > acesso em 02 de maio de 2021.

incertezas de seguridade, a partir da lógica do capital que é transnacional e dinâmico, se movimentando rapidamente.

Daí que surgem diversos conflitos, contradições, paradoxos, formas contrárias ao que era esperado pela integração do mundo, gerando modificações no tempo e no espaço, na percepção desses pelas pessoas e na sua própria relação, além de criar novas dinâmicas sócio-geográficas que evidenciam a necessidade de compreensão dessas questões.

1.3 Os paradoxos da globalização

Diante da compreensão do sócio-espaço (ver 1.1) e das dinâmicas que envolvem os conflitos sociais e as categorias de tempo e espaço, se transformando dialeticamente e respondendo às demandas e estímulos interiores e exteriores, ocorrem paradoxos que são resultado desse novo (des)ordenamento global.

1.3.1 Identidades

Em primeiro lugar é evidenciado a mudança nas formas como ocorrem as construções identitárias: antes eram desenvolvidas na sociedade civil, em partidos políticos, sindicatos, igreja, família, na comunidade nacional, agora a individualização e socialização ocorrem de forma particular, no mercado, no âmbito privado, no indivíduo consigo mesmo, a particularidade mais uma vez substitui a padronização, o coletivo abre espaço para o individual, a sociedade civil e a política perdem seu poder para o espaço global do mercado financeiro.

Como tratado em um artigo no Le Monde Diplomatique, as novas tecnologias, sua relação com a juventude e suas manifestações culturais, políticas, sociais e econômicas se dão de diversas formas.[10]

---

[10] Por exemplo: Em relato sobre um jovem morador do complexo do Alemão que narra uma ocupação policial em tempo real através do Twitter, passando a ter mais de 39 mil seguidores e até inspirando um personagem em novela da Rede Globo.
E de uma menina de 13 anos de Florianópolis que, através de uma página no Facebook, narrando o cotidiano de uma estudante de escola pública e as dificuldades enfrentadas, sendo acompanhada por mais de 344 mil pessoas. Vislumbra-se novas dinâmicas e configurações a partir de demandas sociais concretas, da rua, e seu desenvolvimento no mundo digital. Ver SOUZA, A. L. Patrícia. Mobilização social em rede: jovens em tempos de novas tecnologias. Le Monde Diplomatique. 05 de novembro de 2012. Disponível em: < https://diplomatique.org.br/mobilizacao-social-em-rede-jovens-em-tempos-de-novas-tecnologias/ > Acesso em: 01 de outubro de 2021.

Fato é que a complexidade das mudanças e manifestações geracionais com as dinâmicas transformações da internet, novas mídias e novos aparelhos, evidenciam o caráter veloz e acelerado com que questões sociais que existem e perpassam por gerações, novas questões sociais advindas da globalização e da relação entre juventude e tecnologia, e novas maneiras de buscar resoluções e denunciar situações de autoritarismo e violência se desenvolvem na atualidade.

A dificuldade da compreensão e de se pensar as questões geracionais e identitárias a partir de sua relação com a aceleração tecnológica se constrói a partir da perspectiva de que não há mais uma única maneira de se movimentar, romper, juntar, denunciar ou apoiar.

As demandas sociais são construídas a partir de uma larga escala de espectadores, que possuem impacto na realidade a partir de suas próprias vivências, além de se transformarem a parir dela e buscarem soluções para problemas em um cenário que não é mais apenas local, regional, nacional, mas sim global e múltiplo.

1.3.2 Modernismo paradoxal

Além das novas maneiras de manifestações e construções identitárias, o próprio sonho do modernismo, das promessas futuras que existiam em torno desse conceito e das possibilidades que eram vislumbradas a partir da organização global, é confrontado pelos paradoxos da era global.

A capacidade de controle de perigos conhecidos, de superação de crises econômicas, biológicas, químicas, culturais, de segurança e estabilidade promovidas pelo Estado, as crenças no progresso, na ciência, no futuro, se desfazem, tornar-se-ão *sociedade de risco*, como posto por Ulrich Beck (2011).

Essa *sociedade de risco*, é caracterizada pela distribuição de riscos para a população. A produção de alimentos, o desenvolvimento de infraestrutura, os conflitos internacionais, as relações políticas, as manifestações culturais, são eminentemente configuradas a partir de um mundo que está envolto em riscos, de saúde, de segurança, de fragmentação etc.

Os riscos são distribuídos a partir de categorias que são controladas pelo mercado e suas tendências. A necessidade do giro do capital e do lucro a partir de novas maneiras de explorar os recursos naturais e humanos, fazem com que classes e grupos sociais sejam

submetidos a transformações na quantidade de riscos que são aceitáveis de serem enfrentados em suas vidas.

Um exemplo atual dessa nova dinâmica é a liberação de agrotóxicos que ocorre no Brasil. Durante o ano de 2020, uma mudança no Marco Regulatório da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) decidiu que a classificação de toxicidade máxima só seria aplicada para agrotóxicos que causam morte horas depois do indivíduo ter contato ou ingerir o produto. Apenas seis produtos foram classificados como extremamente ou altamente tóxicos em 2020, sendo que no ano anterior a quantia tinha sido de 162, cerca de 32% do total. [11]

O modo de produção capitalista, que estrutura formas de pensar, agir, modificar, ser, faz com que o indivíduo na modernidade se situe em um mundo no qual, como citado anteriormente, em um ano se consome, através dos alimentos, uma quantidade X de produtos tóxicos e potencialmente letais, e no ano seguinte se consuma uma quantidade Y que é inferior, mesmo que com diversos produtos tóxicos similares.

O progresso complexo, que envolve múltiplas camadas sociais, ao invés de implicar melhorias econômicas, políticas e sociais, acaba por implicar, simultaneamente, crises cíclicas. Por isso, como dito por Domênico Losurdo (1998, p. 198), não é possível compreender o processo histórico ignorando a categoria de contradição e de salto qualitativo.

1.3.3 Direitos paradoxais

Existe uma implicação nos direitos dos indivíduos na modernidade, que são transformados a partir do momento em que o Estado perde a capacidade de distribuir, estruturar e construir direitos, e o mercado é quem assume essa posição.

Losurdo (ibidem, p. 186) dirá que “Os direitos que o liberalismo pretende...nunca os quer para o indivíduo enquanto tal, mas sempre para um indivíduo que se encontre numa situação particular, que pague certas taxas, seja provido de capitais, etc.”. Daí que se explica,

---

[11] Ver GRIGORI, Pedro. 118 agrotóxicos são aprovados durante a pandemia, liberação é “serviço essencial”. Agência Pública/Repórter Brasil.13 de maio de 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/05/96-agrotoxicos-sao-aprovados-durante-a-pandemia-liberacao-e-servico-essencial/?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=whatsapp&utm_source=im >. Acesso em: 01 de outubro de 2021

em partes, a questão da desigualdade na modernidade tardia, dos "fluxos migratórios", conflitos políticos e crises financeiras que não são controlados pelos Estados nacionais, além de explicar o aumento da imprevisibilidade, da incerteza, da insegurança e do medo nos indivíduos.

Também Zygmunt Bauman (2015), em *A riqueza de poucos beneficia todos nós*? **e**xpõe as contradições relacionadas ao crescimento econômico na globalização, uma vez que na mesma medida em que as riquezas se multiplicam, diminui a porcentagem dos detentores dessas riquezas, fortalecendo a disparidade entre aqueles que se encontram numa situação particular, do sucesso, do conforto material, da capacidade de interagir com seu entorno, e aqueles que estão desempregados, convivem com problemas estruturais, são excluídos sistematicamente de espaços de participação política, econômica e social.

1.3.4 Os paradoxos da imigração

Dialogando com a análise histórica de Hobsbawm (1995, p. 429) sobre as mudanças ocorridas no século XX, que dão início a uma nova etapa da modernidade, o historiador dirá que "o grosso da xenofobia popular nos países ricos era dirigido contra estrangeiros vindos do Terceiro Mundo, e a União Europeia represou suas fronteiras contra a inundação de pobres do Terceiro Mundo em busca de trabalho." complementando que dentro dos EUA, no período analisado, já se mostrava uma oposição à tolerância ilimitada do país em relação à imigração.

Paradoxalmente, há um movimento dual entre a vontade e necessidade de jovens se deslocarem dos países periféricos para os países centrais, e a aceitação e disponibilidade dos países centrais em aceitarem essa mão de obra barata que necessitam cada vez mais.

No Brasil, metade dos jovens de 15 a 29 anos querem deixar o país por não vislumbrarem boas oportunidades futuras para suas vidas. Mais da metade desses jovens se viu desempregada durante a pandemia de COVID-19. No mesmo momento, historicamente é o período no qual o país detém maior número de mão de obra jovem.[12]

Esses acontecimentos implicam que os países periféricos, por serem reféns de uma lógica global, encontram dificuldades em desenvolver um mercado de trabalho que abarque a

[12] Ver CANZIAN, Fernando. Sem perspectivas, metade dos jovens quer deixar Brasil. Folha de são Paulo. São Paulo. 20 de junho de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/sem-perspectivas-metade-dos-jovens-quer-deixar-brasil.shtml>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

juventude crescente, ao mesmo tempo que proporcionem a possibilidade de que os jovens finalizem seus estudos e desenvolvam-se em diferentes áreas.

A precarização da educação, a falta de oportunidades no mercado de trabalho e a crescente desigualdade social, faz com que, cada vez mais, jovens queiram sair do Brasil e de outros países periféricos para tentarem oportunidades em países centrais com melhores índices de qualidade de vida.

O paradoxo reside justamente no fato de que as precarizações desses setores da sociedade são resultado de uma lógica neoliberal, como dito nos parágrafos anteriores (ver 1.2 em diante). E o deslocamento (ou a vontade de se deslocar) da juventude do terceiro mundo afeta o imaginário dos cidadãos do primeiro mundo.

Os próprios europeus, que são portadores dos emblemas da democracia, cidadania, humanismo, são surpreendidos com as presenças desajeitadas, diferentes, incômodas, de imigrantes de todo tipo, como diz Octavio Ianni (1995, p. 153).

No mesmo momento que precisam da mão de obra desqualificada para ocupar postos de trabalhos inferiores, não querem tolerar sua presença social, cultural, política, suas manifestações, suas tradições e seus posicionamentos.

Em outras palavras, as mudanças organizacionais e o desenvolvimento econômico-tecnológico não trouxeram, como era previsto outrora, um bem-estar e uma integração maiores para os países, pelo contrário, provocaram crises que não podem ser controladas pelos mecanismos e instituições tradicionais da modernidade.[13] Fazem com que os países ricos, sobretudo as grandes corporações que neles se encontram, limitem seus recursos para os sujeitos que, historicamente, constituem a classe dominante.

---

[13] Ver ROSSO, Nicolò F. O êxodo da América Latina: quando o destino é migrar. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2021/10/10/album/1633872040_203371.html#foto_gal_1 > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

1.3.5 A modernidade enquanto crise.

A modernidade enquanto crise é uma perspectiva que se desenvolve através dos conflitos geográficos que ocorrem no sócio-espaço (ver 1.1) e nos paradoxos da globalização (ver 1.2).

É uma compreensão que entende a sucessão e o desenvolvimento das crises, sociais, econômicas, ambientais, políticas, identitárias, institucionais, como parte do processo estruturação da modernidade.

1.3.6 A contradição como parte do processo

Não à toa, a frase dita em *O Manifesto Comunista* (MARX & ENGELS, 1988), nomeia o livro de Marshall Berman (2007), *tudo que é sólido desmancha no ar*[14], onde analisa o século XX e caracteriza uma nova fase da modernidade, que define como "[...] um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos." (2007, p. 24)

O paradoxo da modernidade tardia (ROSA, 2019), ou da terceira fase da modernidade (BERMAN, 2007**)**, promove a integração ao mesmo tempo que a desintegração, une e fragmenta, dá continuidade ao desenvolvimento da modernidade e de seus propósitos, da mesma forma que faz o completo oposto, "anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia" (ibidem, p. 24)

Marshall (ibidem, p. 25-26), pontuando sobre o processo em si, diz que "se expande ao ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento."

---

[14] O autor retoma a frase dita por Marx no manifesto comunista, pois ela traduz o sentimento que ele próprio sente ao observar, por exemplo, que o bairro em que passou sua infância na cidade de Nova Iorque, anos depois foi, em grande parte, demolido para que houvesse espaços para obras públicas e privadas. As vivências, experiências, sentimentos foram deixadas de lado para que o movimento do capital fosse possível. É essa perspectiva que a modernidade carrega, as esperanças e previsões de melhoras futuras, na verdade, são esquecidas pelo rápido e incessante movimento de destruição para criação, de substituição do velho pelo novo.

Em concordância, Walter Benjamin (2020), refletindo sobre a *obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*[15], compreende que a modernidade significa, simultaneamente, avanço e retrocesso.

A "aura", o encanto, a capacidade de contemplação do "aqui" e do "agora", que as obras de arte conseguiam provocar, deixam de existir e são alteradas - essencialmente - pela questão da cópia, que não é mais o plágio de algo, mas um tipo de produção artística, baseada e impulsionada por novas técnicas e tecnologias que massificam e esvaziam de criatividade tais produções.

1.3.7 Os indivíduos na modernidade tardia

O esvaziamento de valores e sentido lógico da trajetória de vida também afeta diretamente os indivíduos na terceira fase da modernidade. Berman (2007, p. 25) pontua que "à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais, concluindo que:

> "a ideia de modernidade concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramo-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade". (ibidem, p. 25) [16]

O ser humano moderno, além de estar dentro de uma *prisão de ferro*[17], como pontuou Weber (1989, p. 131), é "moldado por suas barras" (BERMAN, 2007, p. 39.**)**, encontra-se sem

---

[15] Ver Benjamin, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

[16] É interessante notar, nessa citação, que Marshall Berman irá comentar sobre a perda de ressonância que a ideia da modernidade concebida em inúmeros e fragmentados caminhos causa, coisa que também será posta por Hartmut Rosa, quando analisa as dificuldades para se ter uma boa vida na modernidade, comparando-as com as questões da aceleração social. Ver ROSA, Hartmut. Aceleração: as transformações das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

[17] O termo é utilizado pelo autor já nas conclusões do livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo,* aonde compreende que a lógica econômica adentra todos os sentidos da vida humana e compõe uma singularidade histórica e sociológica do espírito do capitalismo, fazendo com que o âmbito das manifestações econômicas seja fluido e não possa ser delimitado com rigor, e que os aspectos "econômicos" de um fenômeno não sejam nem apenas "economicamente condicionados" nem apenas "economicamente eficazes" (WEBER, 2006. p. 32). A percepção de estar dentro de uma jaula, prisão, cárcere de ferro, portanto, deriva do desencantamento do mundo e da lógica econômica que adentra diversos campos da vida humana, impondo contradições e conflitos.

identidade e sem capacidade de entender o outro, a si próprio e aquele que é diferente, é impossibilitado de dar resposta, de julgar e de agir sobre o mundo.

O indivíduo conforme adentra na modernidade líquida[18], passa a se tornar refugo[19] (BAUMAN, 2001 e 2005.) por ser obsoleto, por não servir mais aos propósitos do capital transnacional, por não trabalhar e não conseguir se inserir no ritmo acelerado que o mercado global exige dele.

As pessoas que viram refugo, como posto por Bauman (2005), não são somente os estrangeiros, os imigrantes, mas, como dito por Hobsbawm (1995, p. 438). "se a economia global pôde livrar-se de uma minoria de países pobres como economicamente desinteressantes e irrelevantes, também poderia fazer o mesmo com os muito pobres dentro das fronteiras [...]"

1.3.8 Mudanças incessantes

O advento da modernidade trouxe consigo, concomitantemente às mudanças político-econômicas, valores, princípios, comportamentos que, quando vistos em larga escala, pode-se tratar como um sistema que se reinventa através da crise, que rejeita a tradição e o que é imóvel, está em movimento e inovando constantemente, de forma que o "velho" não é aceitável, é ultrapassado e deve ser renovado.

---

[18] O termo utilizado pelo autor é semelhante ao de modernidade tardia (ROSA, 2019), terceira fase da modernidade (BERMAN, 2007) e de globalização, que aparece em diversos textos, artigos e livros, inclusive nessa monografia. O intuito de Bauman era de, através da compreensão da liquidez, ou seja, da rapidez e da viscosidade, maleabilidade, possibilidade de tornar, encaixar e moldar-se de acordo com a necessidade momentânea, traçar um comparativo entre as mudanças que ocorreram na contemporâneidade, os novos tipos de relacionamento, vínculos empregatícios, questões de maternidade e paternidade, enfim, do novo *ethos* que surge a partir da década de 80, que torna tudo é rápido, efêmero e transmutável. Ver Bauman, Zygmunt. Modernidade líquida. 1ª ed. São Paulo: Zahar, 2001.

[19] O termo traduz a ideia de que para ser um indivíduo coerente com o capitalismo globalizado, deve-se ser individualista ao extremo e se pautar socialmente através do consumo, portanto, não mais é necessário ter um estilo de vida estável e sólido. Agora para ter-se um sentimento de coletividade é necessário, mesmo que soe paradoxal, ser o mais individual possível, estar em constante mudança, se adequar a todo instante aos novos modos de trabalho, não ser limitado a pré-condições, se agarrar em tudo que conseguir, mesmo que não se consiga, por fim, se agarrar efetivamente a nada.

Daí que por essa ótica, a seguridade social, a estabilidade financeira, a possibilidade de se fixar em uma comunidade, a imobilidade, não conseguem estar em acordo com os moldes do capitalismo contemporâneo, dinamizado, que cria através da destruição de normas e valores, assim como de estruturas do plano material.

No mercado de trabalho e nas demais esferas da vida pública e privada, o crescente processo de *uberização*, dos trabalhadores terceirizados que trabalham para aplicativos e possuem um vínculo instável com as empresas, dependendo exclusivamente de sua força de trabalho e de equipamentos (como automóveis) pessoais para realização do serviço, sem contar com garantias trabalhistas, são um exemplo dessa constante inovação que, superficialmente, aparenta ser positiva, mas em seu todo, é extremamente nociva.

Esse movimento também inclui o processo de digitalização e transformação das lojas físicas para a atração de mais clientes, visto que cada vez mais as novas tecnologias e a simultaneidade da internet proporcionam uma nova dinâmica para relações entre produção, consumo e distribuição[20].

No limite, até mesmo os direitos civis, políticos e sociais[21] conquistados ao longo do período do século XVIII ao século XX (MARSHALL, 1976), correm o risco de se esvaecerem na modernidade tardia.

1.4 Tecnização e Civilização[22]

De forma a explicar a importância dos autores-chave escolhidos nessa dissertação para tratar sobre a *aceleração tecnológica e os efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude*, traçando um paralelo com a conjuntura atual, é interessante uma reflexão sobre as mudanças

---

[20] Ver LOTT, Diana. Como as lojas físicas deverão se transformar para atrair clientes no pós-pandemia. Folha de São Paulo. São Paulo. 09 de maio de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2021/05/como-as-lojas-fisicas-deverao-se-transformar-para-atrair-clientes-no-pos-pandemia.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[21] Para mais informações sobre a cidadania e sua particularidade de constituição no cenário histórico brasileiro ver CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 11ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

[22] Esse é o título do artigo escrito por Norbert Elias (2006), ver: *Escritos & ensaios 1 – Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (“Tecnização e Civilização”).

ocorridas no final do século XX (ver 1.1, 1.2 e 1.3) e sua relação intrínseca com a aceleração tecnológica.

1.4.1 Técnica e progresso

Norbert Elias (2005, p. 2) é preciso, ao definir a tecnização como "um processo que envolve a humanidade." e que se desenvolveu de forma lenta no início, por causa do pouco conhecimento da humanidade sobre o mundo ao seu redor, mas que se *acelerou* com a evolução do conhecimento da natureza inanimada, proporcionando diversas possibilidades para iniciar a reflexão sobre os temas centrais.

Em primeiro lugar: se a tecnização é presente em toda a história da humanidade, se acelerando a partir de determinado período, temos que a aceleração tecnológica presente na sociologia de Hartmut Rosa (2019) se faz necessária para compreender a esfera do capitalismo contemporâneo que se desenvolve a partir dessa variável.

Em segundo lugar: ainda pela perspectiva de Elias (2005, p. 8) "sociologicamente mais relevante é o fato de que experimentação tecnológica muito cedo caminhe de mãos dadas com experimentos ligados a formas relevantes de organização "social".

Em outras palavras, essa aceleração tecnológica, que, em termos da tecnização, se relaciona, mesmo que não intrinsecamente, com a civilização[23], proporciona organizações no cotidiano da vida das pessoas que respondem a essas inovações.

Dentro desse processo, a não linearidade é um termo importante de ser entendido, já que a relação entre tecnização e civilização pode tanto avançar em alguns casos quanto retroceder em outros (ibidem, p. 12)

Em terceiro lugar: o processo de tecnização é intrínseco à humanidade, se acelerou conforme o conhecimento da natureza inanimada ao entorno dos grupos humanos aumentou, além de que modifica as relações sociais de acordo com as inovações ocorridas, bem como,

---

[23] Na perspectiva da análise de Elias (2006, p.3), o processo civilizatório, assim como o processo de tecnização, é um processo de aprendizagem involuntário da humanidade. Esse processo está relacionado à aquisição de autocontrole dos indivíduos, de suas vontades, desejos, para atingir uma vivência em coletivo satisfatória. Sobre o processo civilizatório através de outra análise ver também: RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras ; Publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento Brasileiro).

segundo Elias (2005, p. 25) “[...] tem colocado as pessoas, sobre o globo terrestre, cada vez mais próximas umas das outras.” ainda que, simultaneamente o “desenvolvimento do *habitus* humano não esteja acompanhando o ritmo do desenvolvimento da tecnização e suas consequências”. Dessa maneira “a tecnização encoraja a humanidade a aproximar-se e a unificar-se. Quanto mais isto acontece, mais as diferenças nos grupos humanos se tornam aparentes à consciência humana.

1.4.2 A importância da interdisciplinaridade

Entendemos que a sociologia de Hartmut Rosa, ao abarcar a questão da aceleração tecnológica e seu impacto na vida cotidiana dos indivíduos contemporâneos, é de suma importância para que se tenha uma compreensão complexa de tal problemática.

Indo adiante na explicação da escolha dos autores e suas respectivas teorias, Rosa (2019), ao falar dos desafios para uma boa vida na modernidade tardia, dialoga com a ponderação de Elias ao tratar sobre *tecnização e civilização*: “Porém, se você falar de uma vida boa, então você deixa a porta aberta a qualquer capricho.” (2005, p. 2) no sentido de que novas variáveis na análise e na preocupação central do que seria uma “boa vida” ganham relevância nesse processo, sendo que muitas vezes não são tão importantes assim

Em outros termos, retomamos a não linearidade do desenvolvimento técnico/tecnológico para compreender que, se existem mudanças políticas, econômicas, culturais e tecnológicas que ocorrem no mundo, quase no início terceiro milênio, haverá consequências imprevisíveis e que não seguem uma lógica racional de evolução, no sentido de plena melhora.

As consequências imprevisíveis muitas vezes podem ser traduzidas e compreendidas enquanto alienações. São novas alienações que surgem de um novo modo de vida e um novo modo de estruturação social, político e econômico. A visão desenvolvida sobre si, sobre o outro, sobre as coisas, a natureza, o tempo e o espaço são alterados profundamente de acordo com o surgimento e desenvolvimento da aceleração tecnológica.

Primeiro, como dito por Twenge (2018), a partir dos *millennials*, que são os nascidos na década de 80, a juventude se moldará através da sua relação com esse novo estágio da modernidade, se colocando no mundo de forma cada vez mais individualista e tendo que lidar com a mudança incessante, de normas, valores, princípios, conceitos, além de não se fixar mais

em tradições e em instituições que anteriormente proporcionavam uma visão de mundo concreta, como a família, a igreja, a escola, os partidos políticos, os sindicatos, etc.

Segundo: os nascidos de 1995 até 2012, serão a primeira geração a crescer sob influência direta de tecnologias. Estas serão utilizadas pelos jovens de forma ininterrupta no cotidiano, fazendo com que efeitos sociais, psíquicos e patológicos surjam e necessitem de uma análise complexa.

As mudanças sociais e psíquicas constatadas a partir desse novo panorama que detém diferentes nomes para sua explicação (globalização, modernidade tardia, terceira modernidade, modernidade líquida, era informacional etc.), também são analisadas na obra de Manfred Spitzer (2015) através de uma compreensão neurológica.

Ao investigar como as crianças e adolescentes estão tendo desenvolvimentos cerebrais, que por sua vez dialogam inerentemente com tendências sociais e psíquicas, cada vez mais distintos de gerações anteriores, constata-se como a principal causa a exposição à aceleração tecnológica.

Em outros termos, as novas tecnologias que são inseridas nos cotidianos da juventude, através de políticas públicas, educacionais, familiares, que tendem a negligenciar os malefícios causados pela substituição da socialização, autodescobrimento, necessidades fisiológicas e biológicas, reflexão crítica, autocontrole, por meios tecnológicos imediatistas podem ser tratadas de diferentes perspectivas, mas são concomitantes em suas análises sobre variados temas.

1.5 Questões geracionais.

Desenvolvido brevemente o panorama do capitalismo contemporâneo (ver capítulo 1), os conflitos geográficos (ver 1.1), seus paradoxos (ver 1.2), suas crises (ver 1.3) e a relação da técnica com a civilização (ver 1.4), é importante compreendermos quais os fenômenos de individualização presentes no capitalismo contemporâneo e quais as questões geracionais que surgem a partir desse contexto histórico-social.

1.5.1 Novas perspectivas das questões geracionais

Os indivíduos sofrem com um mal-estar permanente na modernidade (Freud, 2011), sucedido pela nova maneira de enxergar o mundo em si, de satisfazer suas vontades, de se

relacionar com a família e com o próprio ego, desenvolvendo uma personalidade narcísica, focada apenas no eu.

Nesse panorama, de *mal-estar da civilização*, é que a juventude tem que compreender a si mesma e os outros, se desenvolver, compreender o que é o tempo, o espaço e as coisas. E o reflexo direto desse movimento é o adoecimento de jovens, que também afeta a família, o emprego, os amigos, a vida social.

Ao observar as mudanças dentro dos consultórios de psiquiatria, as diferentes demandas e novas questões sociais, Miguel Benasayag e Gerald Schmit (1996) analisam como o capitalismo contemporâneo, formado por crises permanentes (ver 1.2), gera indivíduos que devem lidar com o desemprego, o isolamento progressivo do grupo, a insegurança, o medo, e que isso torna o problema complexo, derivado de diversas áreas do conhecimento, que vão além da capacidade de resolução do consultório médico.

Utilizando uma metáfora, do que seria essa crise dentro de outras crises[24], os autores (ibidem) representam a pessoa em crise como um barco que deixa o porto no qual está ancorado, seu ponto seguro, se encontrando em meio a uma tempestade. Além da desestabilização de

[24] O autor dá um exemplo de um de seus pacientes que é muito interessante para compreensão do que é a crise dentro da crise. Pierre, um homem de 33 anos, diagnosticado como psicótico, sempre ia à clínica, tinha muitos problemas para lidar com questões cotidianas. Um dia, houve um tumulto em sua casa em que o mesmo foi levado ao pronto socorro devido a uma crise. O motivo foi que, em um jantar, quando comiam bistecas, o jornal que estavam assistindo noticiou sobre a doença da "vaca louca", Pierre associou (corretamente) o perigo que corria por estar se alimentando da comida em questão, ou seja, individualmente entendeu que estava vinculado ao todo (social) e que se esse está em colapso, logo ele também está. Contudo, por não conseguir se expressar abertamente, acabou por ficar cada vez mais nervoso, tendo uma crise. A família, com dificuldades em lidar com um doente mental, mesmo não decidindo interna-lo, precisou leva-lo ao pronto socorro, entendendo que essa era mais uma crise por coisas simples, banais, do cotidiano. Apenas Pierre conseguiu realizar corretamente a associação, enquanto o resto da família, "normais", se blindou sobre aquilo e continuaram a viver suas vidas. Para mais informações ver BENASAYAG, Miguel. SCHMIT, Gerard. L'epoca delle passioni tristi. Saggi. 1996, p. 44-45.

deixar o porto, de entrar em novos territórios, tem que lidar com uma tempestade turbulenta e que não apresenta chance de reparação.[25]

Em sua observação e prática diária dos consultórios, entendem que mesmo que o barco supere a tempestade, já não pode retornar ao porto.[26] No mundo globalizado, as pessoas se encontram em crises consecutivas, pois o próprio sistema gera essas crises. A superação de apenas uma delas não faz com que a situação se torne menos turbulenta, sendo, como na metáfora, uma situação praticamente irreversível.

1.5.2 A confiança no amanhã

Para Benasayag e Schmit (idem**)**, esse novo panorama é gerado pela própria ideia que se tinha, no passado da civilização ocidental, de progresso. O amanhã representava, na primeira modernidade, um otimismo generalizado, o futuro estava fadado a melhorar as condições de vida humana, organizações sociais e diversas outras demandas. [27]

A confiança incomensurável que existia do futuro, como dito por Victor Hugo (2017, p. 489) em *Os miseráveis*, "querem dar-se conta do que é o progresso? Chamem-no de amanhã. O amanhã constrói irresistivelmente sua obra, começando-a hoje mesmo". Está sofrendo uma transição para uma desconfiança igualmente extrema do futuro. (BENASAYAG & SCHMIT. 1996, p.13)[28]

A visão pessimista no futuro, causada pelo cientificismo da primeira modernidade, fortalece o presentismo, a noção de que o futuro será, como dito por Ulrich Beck (2011**)** permeado por riscos, e as questões geracionais, invariavelmente, acabam por ter que lidar com uma estruturação que parte do amanhã como ameaça eminente.

Na passagem do capitalismo industrial para o capitalismo global (ver capítulo 2) e em seus paradoxos (ver 1.2) a autoridade foi substituída por outro princípio, o da insegurança

---

[25] "Tale crisi nella crisi può essere rappresentata con una semplice immagine: la persona che soffre è in una situazione che assomiglia a quella di una barca che, lasciato il porto, si ritrova in mezzo a una burrasca." (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 9)

[26] "Ora, proseguendo la metafora, oggi la maggior parte delle persone sembrano convinte che, una volta superata la tempesta, il porto d'arrivo non esista, o, piuttosto, non esista più." (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 9)

[27] "L'Occidente ha fondato i suoi sogni di avvenire sulla convinzione che la storia dell'umanità sia inevitabilmente una storia di progresso." (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 14)

[28] "Assistiamo, nella civiltà occidentale contemporanea, al passaggio da una fiducia smisurata a una diffidenza altrettanto estrema nei confronti del futuro." (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 13)

baseado na atomização do indivíduo, na sua liberdade de mercado irrestrita, na sua visão de mundo competitiva e volátil.

1.5.3 Autoridade e autoritarismo

O combate à autoridade está intimamente ligado a movimentos identitários, de classe e, por diversas vezes, são as novas gerações e seus embates contra o *status quo* que realizam essas manifestações.

Contudo, por vezes se confunde autoridade e autoritarismo (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 23**)**, a única maneira de, nas questões geracionais, ocorrer o ensinamento moral e ético, o ensinamento de tradições, o ensinamento de práticas culturais, é através daqueles que já estão na sociedade para aqueles que estão começando a ocupá-la e transformá-la.

Em outras palavras, o fato de que a autoridade seja representada pela figura da pessoa mais velha, ou que ocupa determinado cargo há mais tempo, não significa que ela é mais qualificada, mas apenas que tem algumas experiências prévias com determinado assunto.[29]

O autoritarismo por sua vez, ocorre quando, nessa posição de autoridade, usa-se a coerção através da força para obrigar outro a cumprir determinada função, impossibilitando-o de exercer o direito de ir e vir, de se expressar etc.

Se, como dito por Denys Cuche (1999, p. 177) "a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social". Portanto, a formação da identidade de um jovem perpassa pela sua relação com as autoridades que estão presentes na sua vida, sendo um movimento dialógico.

A constatação da perda de autoridade na civilização ocidental contemporânea feita por Benasayag e Schmit (1996) demonstra que, para além das instituições em si, a juventude cresce insegura por ter sido criada pelos pais e responsáveis em um contexto de crise da autoridade[30],

---

[29] "Se l'anteriore rappresenta l'autorità, non è perché l'adulto sia dotato di una qualità personale particolare, ma perché incarna la possibilità di trasmissione della cultura: se questo è stato, se ciò che viviamo è, allora sarà anche nel futuro." (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 23)

[30] A perda da autoridade, a mudança nas relações familiares, a singularidade da passagem da primeira modernidade para a segunda modernidade, pode ser exemplificada pela "carta ao pai" de Franz Kafka. O livro publica uma extensa carta que Kafka envia a seu pai, buscando resolver conflitos entre os dois nela o autor discorre sobre como seu pai, seu tratamento e criação, suas permissões e proibições, prejudicaram sua vida de diversas maneiras. Esse diálogo é marcante pois, apenas com um pai que

em um mundo cheio de ameaças e vislumbrando sempre um futuro de risco, pessimista, de incertezas, como também pontua Twenge (2018) sobre a *Geração Eu.*

1.5.4 Questões geracionais e aceleração tecnológica

Mesmo com os avanços tecnológicos, o amanhã, outrora marcado pelo otimismo, como demonstrado em 1.5.2, se tornou pessimismo, e a promessa de progresso se tornou uma fuga da ameaça.

A juventude, além de ter que lidar com essa conjuntura, ainda precisa se estruturar a partir da aceleração tecnológica (ROSA, 2019) que permeia amplamente todos os setores de sua vida. E também com o utilitarismo próprio da modernidade, que alterando os meios educacionais, políticos, científicos, sociais, de mercado, faz com que seja uma *época de paixões tristes*, nas quais os indivíduos não conseguem vislumbrar possibilidades de saída, de transformação.

Essas *paixões tristes* são evidenciadas na realidade através do adoecimento continuo de pessoas. Segundo uma pesquisa da Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association), a solidão e o isolamento social já representam uma preocupação para a saúde pública maior do que a obesidade, e o impacto parece crescer cada vez mais.[31]

Aproximadamente 42.6 milhões de adultos acima dos 45 anos nos EUA sofrem de solidão crônica. Mesmo não sendo unânime que a solidão em si afeta negativamente todos os indivíduos, o contato social é essencial para que a superação de doenças como depressão, ansiedade, dentre outras, possa ocorrer.

---

represente a figura do patriarca, que tenha pleno domínio do âmbito familiar, poderia ocorrer tamanha influência. É evidente que os pais ainda tem influência, por diversas vezes marcantes sobre os filhos, sobre sua educação, seus costumes, sua religiosidade, mas a intensidade, as exceções, as novas maneiras de estrutura familiar, fazem com que essa carta e esse acontecimento demonstram o caráter de uma época, a primeira modernidade, raramente podendo existir em outra, na segunda modernidade.

[31] Ver So Lonely I Could Die. American Psychological Association. Washington D.C. 05 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/2017/08/lonely-die> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

De acordo com a pesquisa do AARP, 13% dos adultos solitários perceberam que suas relações sociais se tornaram menos profundas agora que mantêm contato com pessoas através da internet, os não solitários foram apenas 6%.[32]

Preocupante ainda é que, de acordo com uma reportagem do New York Times, a solidão é mais presente nos jovens do que nos adultos. Além disso, depressão, demência, Alzheimer, são doenças que podem se desenvolver e se agravar a partir de quadros de solidão crônica, danificando o próprio cérebro dos indivíduos a longo prazo.[33]

O próprio consultório e sua resposta a essas novas demandas, como demonstrado através dessas pesquisas, sofrem alterações, pela incapacidade de lidar com mudanças bruscas.

Segundo Benasayag e Schmit (1996), as crescentes ações sociais pautadas na utilidade, os meios computadorizados que pré-estabelecem procedimentos para resolução de problemáticas que, de uma maneira ou de outra, são individuais, a crescente taxa de indivíduos medicados, a urgência de se curar cada vez mais rápido, são sintomas de uma sociedade acelerada, que se estabiliza dinamicamente, como dito por Hartmut Rosa (2019), gerando indivíduos que, cada vez mais, precisam que lidar com patologias diversas (SPITZER, 2015).

Convergindo na análise, em entrevista à revista Gama[34], o psicanalista Christian Dunker, afirma que a depressão e seu diagnóstico clínico no mundo globalizado deixou de levar em conta a dimensão cultural das pessoas, das tradições, dos modos de ver o mundo, de como determinada sociedade se construiu, e passou a compreender a depressão como algo dado, combatido com antidepressivos.

Um artigo publicado no Washington Post[35], baseado em um novo estudo conduzido por Jean. M. Twenge, com participação de outros pesquisadores (2021), demonstra como, em

---

[32] Anderson, G. Oscar. *Loneliness Among Older Adults: A National Survey of Adults 45+*. Washington, DC: AARP Research, September 2010. https://doi.org/10.26419/res.00064.001. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[33] ROGERS, Paul. The Surpresing Effects of Loneliness on Healt. The New York Times. New York. Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/11/well/mind/how-loneliness-affects-our-health.html?_r=0> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[34] Ver ANIC, Laura Calvi. Christian Dunker: "Cada época tem uma visão do que é o sofrimento". Revista Gama. 14 de março de 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/estamos-deprimidos/entrevista-christian-dunker-depressao> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[35] Ver BAHRAMPOUR, Tara. Teens around the world are lonier than a decade ago. The reason may be smartphones. The Washington Post. Washington D.C. 20 de julho de 2021. Disponível em:

37 países avaliados, 36 demonstraram, entre 2012 e 2018, um aumento nas taxas de solidão entre jovens.

Em *Igen* (TWENGE, 2018), a autora demonstrou que foi a partir de 2012 que os *smartphones* atingiram em larga escala o uso diário pelos jovens, afetando os ambientes familiares, escolares, religiosos, de socialização, mesmo para aqueles que não utilizavam, uma vez que teriam que socializar com pessoas que participavam dessa nova dinâmica das redes sociais.

Esse estudo não levou em consideração o período de pandemia, que provavelmente deve ter afetado as taxas de solidão. No Brasil, no período de pandemia, uma pesquisa realizada pelo Datafolha[36], demonstra que 9 em cada 10 (89%) de pais de filhos entre 6 e 18 anos, afirmaram que as crianças e adolescentes aumentaram o tempo que passam em frente das telas, como computadores, celulares, televisão, videogames e tablets.

Tecnologias, seu uso, isolamento, relações socias e adoecimento se mostram interligados de maneira que se influenciam, tornando a situação complexa a tal ponto que cada vez mais novas questões sociais surgem a partir desses dados da realidade.

O resultado da solidão crônica e crescente não somente entre os adultos, mas, sobretudo, entre os jovens, ligada diretamente ao uso de novas tecnologias, que também é crescente, faz com que as mudanças visualizadas por Benasayag e Schmit (1996) dentro do consultório médico, sejam um exemplo de como o mundo em si está se transformando, nas diversas esferas, a partir da solidão.

1.5.5 Desigualdade social e digital

Outra reportagem da Folha de São Paulo[37], divulgando resultados da pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da

---

<https://www.washingtonpost.com/local/social-issues/teens-loneliness-smart-phones/2021/07/20/cde8c866-e84e-11eb-8950-d73b3e93ff7f_story.html> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[36] Ver MAZZO , Aline. Para 89% dos pais, pandemia faz com que filhos passem mais tempo na TV, no celular e no videogame. Folha de São Paulo. São Paulo. 10 de junho de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/06/para-89-dos-pais-pandemia-faz-com-que-filhos-passem-mais-tempo-na-tv-no-celular-e-no-videogame.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

[37] Ver SOPRANA, Paula. Acesso à internet cresce em 2020 com 64% das casas da classe D/E conectadas. Folha de São Paulo. São Paulo. 18 de agosto de 2021. Disponível em:

Informação (Cetic.br), demonstra que as classes A e B no Brasil atingem 100% de conexão residencial, e nas classes C e D/E a proporção é de 91% e 64% respectivamente.

Mesmo a desigualdade digital, decorrente da desigualdade social no Brasil, ainda permanece, os dados demonstram que é crescente o acesso de todas as classes aos novos meios digitais, desde 2014, início da monitorização, fazendo com que as questões sociais apresentadas (ver 1.5.4) sejam cada vez mais parte do todo social, já que fazem cada vez mais parte do cotidiano das pessoas.

É importante citar como a desigualdade afeta o próprio acesso, já que as classes mais baixas utilizam a internet majoritariamente através de celulares, precarizando o acesso e as oportunidades de inserção dentro da lógica que, como dito por Twenge (2018) afeta mesmo aqueles que não possuem acesso às novas tecnologias.

A lógica do capitalismo contemporâneo, as desigualdades de oportunidade e de tratamento, se relacionando com essa nova dinâmica que surge através do mundo digital, que integraliza todo o mundo, demonstra a continuidade do caráter excludente que é próprio dessa sociedade.

Novas demandas surgem a partir da criação de novos espaços, mas as possibilidades de acesso, não só inicial, como ter acesso à internet ou a aparelhos, e sim de toda a configuração, de informação, de preparo, de acessibilidade geral, são mantidas precarizadas de forma excludente, no mesmo momento em que condições básicas são ampliadas, mas não são desenvolvidas.

1.5.6 Felicidade e a lógica utilitarista

Eva Illouz e Edgar Cabanas (2019), em *happycracia*, explicam ainda que nessa sociedade que se estabiliza dinamicamente, pautada na lógica utilitarista e que é permeada por tecnologias que deixam todos os setores da vida mais rápidos, cada vez mais se torna necessário vivenciar experiências gratificantes como forma de combater a solidão crônica, os altos índices de indivíduos doentes e descolados da realidade.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/acesso-a-internet-cresce-em-2020-com-64-da-casas-da-classe-de-conectadas.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

Os autores (idem**)** explicam que o ideal do cidadão globalizado que vive uma boa vida, é aquele que sempre está vivenciando situações de gratificação, de prazer. A juventude, nesse contexto, se depara com a infinitude da internet e diversas tecnologias e das possibilidades existentes para a busca da felicidade.

Dentro da lógica utilitarista, ser feliz é sinônimo de acumular experiências momentâneas, no presente, que sejam prazerosas. O que ocorre é justamente o contrário, indivíduos se desprendem cada vez mais do todo social, são atomizados e fragmentados, da escola, da família, do posto de trabalho, da trajetória da vida, e apenas conseguem se localizar através do mercado.

O pessimismo em relação ao futuro, a distribuição de riscos realizada pelo capitalismo contemporâneo, a incapacidade de o conceito de autoridade vigorar e organizar estruturas que eram anteriormente pré-estabelecidas, a aceleração social e a necessidade constante de ser feliz no presente são fatores que, combinados em uma fórmula, resultam no adoecimento em massa de jovens e na impossibilidade, por muitas vezes, de alternativas para que superem essas problemáticas.

1.5.7 Dificuldades de organização da juventude

A dificuldade de resolução e busca de novas alternativas é gerada pelo fato de que o capitalismo contemporâneo, com o desenvolvimento do neoliberalismo, é organizado a partir de prisões e mudanças normativas de encarceramento, desemprego[38] e subemprego constantes e com altas taxas, policialização e militarização em fronteiras dos guetos, favelas e periferias, além da expulsão em massa do povo pobre e trabalhador para esses espaços e instituições. **(**WACQUANT, 2010**)**

No âmbito micro, a questão geracional se estrutura a partir de indivíduos que, lidando com tais conjunturas, se encontram no limitar do anomismo de Durkheim (1987) e em um cenário de ampla competitividade, meritocracia e ditadura da felicidade (ILLOUZ & CABANAS, 2019**)**.

---

[38] As próprias condições criadas pelo sistema, são inovadas através da dinâmica da tecnologia. Em reportagem da Veja, jovens contam como foram enganados na busca de ofertas de emprego *online*, pagando por cursos e vagas que não existem. Ver BARROS de, M. Duda. FERRAZ, Ricardo. Armadilha na rede: cresce na internet o golpe da falsa vaga de emprego. Brasil. Outubro de 2021. Disponível em: < https://veja.abril.com.br/brasil/armadilha-na-rede-cresce-na-internet-o-golpe-da-falsa-vaga-de-emprego/ > Acesso em: 07 de outubro de 2021.

No âmbito macro, a questão geracional se estrutura em um Estado que para Wacquant (2010**)** na era global tem duas facetas: para a elite, garante direitos como a propriedade privada, a educação de qualidade, o saneamento básico, a segurança, a saúde. Já para as classes baixas, de trabalhadores e imigrantes (ver 1.2.4**)**, de grupos étnico-raciais que não são da branquitude, é um Estado paternalista, punitivo, que obriga a trabalhar precariamente, que vigia, que prende, encarcera, priva.

Essas novas formas de exclusão sistemática também se fazem presentes no mundo digital. Aplicando a lógica utilitarista e meritocrática, os símbolos, que significam e são siginfiicados pela juventude, passam a introduzir uma lógica neoliberal que vai além de perspectivas econômicas e adentram questões políticas, sociais, culturais, de organização geracional e de visão de mundo.

Diante desse cenário, entendemos que cada vez mais a interdisciplinaridade é necessária para compreensão das novas questões sociais que envolvem a aceleração tecnológica e sua relação com a juventude.

Tentamos, ao longo desse capítulo, analisar qual o panorama que a juventude está inserida. Constatamos que o capitalismo globalizado é um sistema de crises permanentes, que sua complexidade faz com que amplas ciências se debrucem sobre as causas dessas crises, e que seus efeitos, como mostram Benasayag e Schmit (1996), não podem ser resolvidos única e exclusivamente apenas em um âmbito, como o do consultório médico, ou qualquer outro espaço isolado, já que as causas estão além deste.

No capítulo 3, buscaremos, a partir do diálogo interdisciplinar entre a sociologia de Hartmut Rosa, a psicologia de Jean M. Twenge e a neurociência de Manfred Spitzer, explorar e aprofundar as consequências que esse panorama desenvolvido no capítulo 2 possui na juventude e como podem ser desenvolvidas a partir de diferentes áreas do conhecimento.

2. A SOCIOLOGIA DE HARTMUT ROSA, A PSICOLOGIA DE JEAN M. TWENGE E A NEUROCIÊNCIA DE MANFRED SPITZER.

> "[...] ficou amplamente comprovado que os processos de modernização fundamentais, identificados pela Sociologia clássica, podem ser interpretados, de uma perspectiva especificamente temporal, como modos funcionais e fenomênicos da aceleração social. A *individualização* é tanto a causa quanto a consequência da aceleração social, considerando-se que indivíduos se mostram mais móveis e flexíveis em sua adaptação e mais rápidos nas decisões que coletividades; a *diferenciação funcional* gera aceleração e representa, ao mesmo tempo, uma estratégia promissora em relação à pressão aceleratória por possibilitar a externalização de custos e a aceleração do processamento sistêmico e, com isso, o aumento e a temporalização da complexidade (que se impulsionam mutuamente)" (ROSA, 2019, p. 571)

> "Não nos iludamos: sempre existe a possibilidade que a tecnologia de informação digital provoque danos ao desenvolvimento físico, mental e social dos mais novos, também desenvolvendo dependências. [...] Distúrbio de atenção, abandono escolar, fobias, bullying, sobrepeso, sedentaridade, apatia, falta de impulsos, isolamento social, depressão e dependência são o pão de cada dia. [...] Desse quadro geral, é muito importante que muitos detalhes, estudos e fatos claros sejam conhecidos. Só assim não ficaremos inseguros e resistiremos aos ataques dos lobistas. É pra isso que servem as informações." (SPITZER, 20155, p. 295-297, grifo nosso)[39]

2.1 A aceleração social

A causa das consequências expostas pelos autores anteriormente, em esferas da vida social distintas e complexas, para além de seus acontecimentos estruturais, segundo Rosa (2019), advém da *aceleração social,* que tem sua definição através da repartição analítica em três categorias *aceleração técnica, aceleração da mudança social* e *aceleração do ritmo de vida.* (idem, p. 141)

---

[39] "Non illudiamoci: esiste sempre la possibilità che le tecnologie informatiche digitali provochino danni allo sviluppo fisico, mentale e sociale dei più giovani, causando peraltro l'insorgere di una dipendenza. [...] disturbi dell'attenzione, abbandono scolastico, fobie, mobbing, sovrappeso, sedentarietà, apatia, mancanza d'impulsi, chiusura sociale, depressività e dipendenza sono il loro pane quotidiano. [...] Di questo quadro d'insieme è importante che si conoscano molti dettagli, studi e fatti chiari. Solo in questo modo non ci lasceremo rendere insicuri e resisteremo agli attacchi dei lobbisti. A questo serve l'informazione."

Essa repartição analítica, como comenta o autor, por muitas vezes é colocada de forma equivocada quando se trata do tema da aceleração, sobretudo relacionando-a com a modernidade.

É dado como iminente que a aceleração representa o progresso, que ir mais rápido é inevitavelmente algo bom, e que o futuro, no caso, a modernidade e o que virá depois dela, devem ser vistas por uma lógica otimista (que por vezes contém elementos evolucionistas nessa perspectiva).

Além da confusão metodológica existente em torno do termo "aceleração", soma-se a distorção de entender os tempos de reclusão, de desaceleração, como preparatórios para a aceleração, sem levar em conta que existe uma complexidade dentro do termo, aqui tratada como *aceleração social*, e que, por vezes, pode-se ter o desenvolvimento da aceleração tecnológica ao mesmo tempo que existem efeitos "colaterais", que não são propriamente melhoras na condição da vida humana, justamente pela aceleração do ritmo de vida, por exemplo, que está ocorrendo no cotidiano das pessoas. [40]

2.1.1 A aceleração tecnológica

A *aceleração técnica* e tecnológica abrange os processos de transporte, comunicação e produção (de bens e serviços), é a ação maquinal, *intencional* e *dirigida a um objetivo* (ibidem, p. 141), contudo, "para a tese de um aumento da mobilidade e da dinamicidade da sociedade, muito mais importante que as velocidades máximas é a elevação da *média* da velocidade de locomoção" (ibidem, p. 142), ou seja, *aceleração técnica* não é definida apenas por uma velocidade mais alta, como um pico, mas numa dinamicidade crescente, que se altera conforme ocorrem as mudanças qualitativas e quantitativas na estrutura material.

---

[40] Por exemplo, em artigo divulgado no jornal El País que, apesar de apontar para perigos de desigualdade e abismos sociais e estruturais, utiliza o termo aceleração e o considera valorativamente positivo de forma que as possíveis problemáticas futuras (no caso, se tratando do fim da pandemia de COVID-19) não se relacionam com a aceleração. Ver. HARBOUR, G. Berna. Caminhamos para novos anos loucos de hedonismo pós-covid 19? El País. 27 de abril de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/cultura/2021-04-27/caminhamos-pros-novos-anos-loucos-de-hedonismo-pos-covid.html > Acesso em 01 de maio de 2021.

Todavia, não é apenas o movimento mais rápido de pessoas, bens e informações que deve ser atribuído à *aceleração técnica*, mas também a *produção* mais veloz de bens, a transformação mais ágil de matéria e energia e, embora em menor proporção, a aceleração de serviços (ibidem, p. 144).

Tanto o movimento, quanto a produção mais veloz, causam uma *simultaneidade* característica da modernidade, o tempo detém uma prevalência sobre o espaço através da aceleração da locomoção e da transmissão de informações que virtualizam e digitalizam imediatamente eventos que antes eram materiais e presentes apenas em um determinado espaço e tempo. (ibidem, p. 143-145)

2.1.2 A aceleração da mudança social

A possibilidade atribuída à aceleração técnica de trazer a informação simultânea e sobrepor o tempo ao espaço, fazendo com que, paradoxalmente, haja um enrijecimento das pessoas e até mesmo dos bens, que não se locomovem (ibidem, p. 198). Daí se segue uma segunda categoria, a *aceleração da mudança social*, que não pode ser analisada pela noção de *aceleração intencional de processos direcionados a um objetivo* (aceleração técnica), mas que "se refere à velocidade na qual, de um lado, práticas e orientações de ação, e, de outro, estruturas associativas e modelos de relação se modificam" (ibidem, p. 147).

Em decorrência da aceleração técnica e do próprio princípio da modernização, se tem uma percepção de *escassez do tempo*, como citado em 2.1.1 entretanto, a aceleração técnica não é a responsável para que esse fenômeno seja algo recorrente na psique do humano globalizado. na verdade, ela possibilita que as tarefas que antes eram prolongadas, pela falta de recursos, equipamentos etc, agora tenham seu tempo de atividade reduzidas. O que faz com que exista a "contração do presente" é a aceleração da mudança social.

2.1.3 Aceleração do ritmo de vida

A aceleração do ritmo de vida é definida, segundo Rosa, como "*um aumento dos episódios de ação e/ou de experiências por unidade de tempo, isso em função de um escasseamento dos recursos temporais"* (idem, p. 239). daí que entende a causa da percepção da escassez social em sua totalidade

Exemplos de situações concretas que são decorrentes do fenômeno da aceleração do ritmo de vida são o *drive-through*[41] ou o *power nap*[42], que são experiências que possuem um adensamento temporal que modifica a sua própria característica objetiva e subjetiva, e aquilo que tem forma central na análise da aceleração do ritmo de vida é que desde o início da modernidade há um aumento na velocidade média da aceleração, por mais que seja em forma de surtos e não numa linearidade constante.

Na sociedade tardo-moderna há um aumento no número de *episódios de ação* (ativos, objetivamente mensuráveis) e nos *episódios de experiência* (passivos, subjetivos) (ibidem, p. 246) vivenciados cada vez em menor espaçamento de tempo.

A aceleração do ritmo de vida se dá, dessa forma, através do aumento constante da demanda de tempo para a tomada de decisões e escolhas feitas de maneira racional e informativa, além da a coordenação e sincronização de ações.

Mais do que seu desenvolvimento através da quantidade de oferta de mercadorias e serviços, que é crescente e se torna cada vez mais complexa, e a desregulação, flexibilização e desrotinização de práticas cotidianas, a aceleração do ritmo de vida influencia para que haja essa nova percepção do tempo (ver parágrafo 1.2), que é escassa, complexa, trabalhosa e crescente de forma contínua. (idem, p. 247)

2.2 Os efeitos (sociais, psíquicos e patológicos) na juventude

Os efeitos sociais foram explicados mais detalhadamente em 1.4 e 1.5, ou seja, a aceleração tecnológica (ver 2.1.1), a motivação de sua escolha e qual é sua definição precisa dentro do termo *aceleração social* (ver 2.1), que engloba diversos fatores em si.

Já o outro fator fundamental se encontra nos efeitos sociais, psíquicos e patológicos gerados por essa aceleração tecnológica na juventude. Essa juventude é caracterizada pela *Geração Eu*[43] (TWENGE, 2018), que é a primeira da história a ter sua passagem para a vida adulta permeada pelo uso diário de tecnologias.

---

[41] Local onde o cliente pode retirar algum produto, geralmente alimentos *fast-foods*, sem que tenha que descer ou esperar no carro.

[42] Prática de dormir por um curto período de tempo, prevenindo que o ciclo do sono adentre a fase "profunda", se revitalizando rapidamente para continuar acordado e ativo.

[43] O termo é traduzido do original: *Generation I* (TWENGE, 2018). É utilizado para se referir à geração dos nascidos entre 1995 e 2007, o "I" remete tanto a individualidade dessa geração quanto ao *Iphone*,

A importância da análise nesse grupo específico é decorrente de seu uso frequente e prolongado dos *smartphones* e demais tecnologias, demonstrando através de sua visão de mundo, as relações sociais, a interação com a sociedade e, sobretudo, índices de agravamento da doença mental (TWENGE, 2019), além de identificar quais são as mudanças que estão ocorrendo diante dessa relação instrumento-individuo.

Tendo em vista quais são os dois aspectos fundamentais, a proposta de interdisciplinaridade surge da noção de que as ciências sociais, ao indagarem sobre as problemáticas das diversas áreas do conhecimento, acabam por dialogar e transcender seu campo e objeto/sujeito de pesquisa, como posto por Claude Dubar (2009) ao teorizar sobre a *Crise das identidades*[44].

A pesquisa propõe uma análise da sociologia de Hartmut Rosa, da psicologia de Jean M. Twenge e da neurociência de Manfred Spitzer, para entender como esses três autores de três áreas do conhecimento distintas, analisando uma mesma situação, a aceleração tecnológica, evidenciada pelo uso dos *smartphones* e os seus efeitos sociais, psíquicos e patológicos na juventude, dialogam entre si com suas teorias e apontam soluções e novas problemáticas, tanto no campo teórico quanto no campo prático.

2.3 A sociologia de Hartmut Rosa

Hartmut Rosa (2019), em sua análise sociológica, realiza uma distinção entre o que seria a "Modernidade Clássica" e a "Modernidade Tardia", pautando que a partir de 1980, com mudanças políticas, econômicas, culturais e tecnológicas, há uma transformação qualitativa no mundo, que agora é globalizado, interligado e digitalizado (ver capítulo 2).

---

que foi lançado em 2007, simbolizando a primeira geração da história a vivenciar a adolescência e a passagem para a vida adulta permeadas pelo uso diário de celulares, pós-*internet* e com utilização de novas mídias.

[44] O autor pontua em sua obra que a questão da identidade vai além de apenas um ou ouro campo do conhecimento, necessitando assim de novos caminhos científicos para aprofundar essa questão: "Ainda que esse objeto de pesquisa não dependa apenas da sociologia, mesmo que renovada, e envolva todos os pesquisadores das ciências humanas (historiadores, psicólogos, antropólogos, linguistas, psicanalistas etc.) ele requer, para ser abordado, uma postura sensivelmente nova. Esta supõe um acordo, que está longe de estar realizado, sobre o momento histórico e a natureza do processo de emergência do "sujeito societário" (DUBAR, 2009, p. 194)

Sua análise leva em conta que a modernização é uma experiência de aceleração (ibidem, p. 44), portanto, o tempo é uma categoria central e, na modernidade tardia, o tempo se sobrepõe ao espaço, enquanto é temporalizado, simultaneamente. Ou seja, conforme novas possibilidades de realizar atividades como viajar, limpar, construir, surgem, o modo como o tempo e o espaço são vistos (aquilo que e possível em determinado tempo e lugar, são alteradas).

Todas essas questões fazem com que, na sociologia de Rosa, a globalização carregue em seu cerne uma mudança intrageracional, enquanto na modernidade clássica era geracional.

Em outras palavras, as gerações, no tempo de uma vida, alternam entre vários relacionamentos, ocupações, linguagens, cosmovisões, etc. Isso faz com que surja uma não contemporaneidade do contemporâneo, acarretando em mudanças nos diversos campos da vida cotidiana.

Essas particularidades gerariam novos tipos de alienação do tempo, do espaço, da natureza, do instrumento, de si e do outro, e são decorrentes de uma desintegração social e dissociação que ocorrem através desse processo de modernização, cada vez mais acelerado.

2.3.1 Novas formas de alienação.

Quando se trata da juventude, os efeitos sociais apontam uma mudança rápida em todas as suas formas de vida, que é incessante com a finalidade de se adequar à realidade social. Para Rosa (2019), na globalização há uma diversidade de alienações sociais.

A definição de alienação, segundo Rosa (ibidem, p. XXXVII) é "[…] um modo de relação no qual o sujeito e o mundo se colocam um ante o outro intrinsecamente desconectados, no qual a assimilação de um fragmento do mundo fracassa."

Como demonstrado em 2.1, tanto em relação ao processo da estabilização dinâmica quanto a um novo olhar sobre o mundo, compreendemos um paradoxo, que é um princípio complementar à aceleração, um enrijecimento estrutural e cultural.

Os processos de alienação se manifestam e se concretizam através das dinâmicas da aceleração social (ver 2.1.1, 2.1.2 e 2.1.3), e totalizam, pela perspectiva do autor, cinco categorias.

Primeiro: a relação entre os indivíduos, grupos, instituições, modo de produção, e a visão, contato, tratamento e domesticação da natureza se transformam radicalmente a partir da aceleração tecnológica. Através do transporte, comunicação, produção, altera-se a potência dos

processos naturais e a própria superação tecnológica das fronteiras naturais, implicando na aceleração dos processos de troca com a **natureza**. [45](ibidem, p. 560).

Os processos de troca com a natureza se tornam cada vez mais presentes em menor "janela temporal". Em outras palavras, a exploração do solo e das águas se intensifica, na mesma medida em que não há tempo suficiente para que os ciclos naturais sejam respeitados.

Os seres humanos realizam modificações, através do trabalho, na natureza; e essas modificações provocadas por eles no meio ambiente repercutem em seus causadores, modificando-os por sua vez. Nada ocorre na natureza em forma isolada.[46]

Como dito em 1.3.2, o conceito de sociedade de risco desenvolvido por Ulrich Beck (2011) busca compreender como as crises ambientais, sociais, políticas, econômicas, químicas, físicas etc. passam a permear a mente do indivíduo moderno, naturalizando a ideia de que o futuro é uma ameaça, de que inevitavelmente terá que lidar com riscos e de que cada vez mais o mundo deixará de existir em seu ciclo natural.

Segundo: a sensação de estar em uma "roda de hamster" onde se corre o mais rápido possível, mas não se consegue sair do lugar, com foco apenas em se manter estável, caracteriza um modo de agressão nos indivíduos na modernidade tardia.[47]

Esse modo agressivo de se relacionar com o mundo, é uma alienação com relação ao **tempo**. Ter que sempre cumprir uma lista de afazeres, que a cada dia cresce e se torna mais difícil, faz com que o tempo se torne assustador, dessincronizado.

Time is money, disse Benjamin Franklin. Essa é a premissa que relaciona o capital com a unidade temporal, determina quais as possibilidades de planejar o dia, o trabalho, satisfazer

---

[45] Para uma interessante constatação de como os processos produtivos e mudanças histórico-sociais alteram a visão que se tem da natureza e do mundo externo, ver KEITH, Thomas. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais* (1500-1800). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

[46] Ver ENGELS, Friederich. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. 1876. Disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm#topp > Acesso em 07 de outubro de 2021.

[47] Como dito por Aldous Huxley (2016, p. 106) "Pensamos no tempo não como algo que gira e gira, mas como algo movendo-se irreversivelmente numa direção. A ideia toda é expressa na noção científica da entropia crescente: movemo-nos continuamente em uma direção e a vida é uma temporária anulação da entropia dentro de um sistema maior".

necessidades fisiológicas, se relacionar socialmente, se aprimorar para o mercado de trabalho, se qualificar na profissão e na educação.

Quando o indivíduo norteia sua noção de tempo pela necessidade de convertê-lo em dinheiro, passa a correr em uma "roda de hamster", se encontra, assim como Alice, em *Alice através do espelho* (ver 2.6) em um mundo *nonsense* (sem sentido) que não se consegue sair do lugar, por mais rápido que tente correr.

Passado, presente e futuro deixam de fazer um sentido lógico. O passado não possuí mais relação com o futuro, não há linha de expectativas, um horizonte daquilo que se era, se é e se quer ser.

Terceiro: além do tempo, o próprio **espaço** se torna alienado. Os conflitos geográficos na modernidade (ver 2.2) parecem transformar a própria dinâmica do sócio-espaço (ver 2.2.1).

O sentimento de alienação do espaço causa uma sensação de que o mundo possuí um funcionamento próprio. Não é mais o espaço, como outrora, que é visto como mero meio para atingir finalidades pessoais, como recipiente vazio, como soma dos componentes que ali se situam, mas o próprio sujeito.

O sujeito não se reconhece mais dentro de um sistema em que seus atos têm interferências. Não há possibilidade, nessa perspectiva, de retirar algo do espaço, o espaço apenas obriga, não retorna nada, é desprovido de sentimento, emoção, somente força os sujeitos a se manterem em constante movimento, caso contrário, cairão em um barranco, um declive escorregadio.

Quarto: as novas perspectivas temporais, espaciais e da dominação da natureza (ou coisas), também afeta a questão identitária, do reconhecimento de **si** e do **outro**. A relação que o indivíduo tem consigo mesmo é semelhante à paralisia frenética existente no mundo ao seu entorno e no tempo-espaço, algo sem emoção, sem vínculos, indiferente.

As atitudes tomadas pelo eu na globalização não detêm mais uma conexão sentimental, com o passado e o futuro, perdem seu sentido. A única motivação que passa a existir é a de não parar de se aperfeiçoar e competir para manter-se estável dentro do sistema.

Não se consegue compreender quem se é de fato, qual sua trajetória biográfica, qual o significado da ancestralidade, qual a importância da consciência, quais os planos para o futuro, qual, como tratado por Karl Manheimm (1968), é a Ideologia e/ou Utopia que se sustenta.

A não compreensão do eu implica a não compreensão do outro. Não existe mais relação comunitária do que é o coletivo de indivíduos que têm estratégias, desejam coisas semelhantes, vivenciam um sentimento de comunhão.

Se as três categorias anteriores demonstram a desvinculação do indivíduo com o todo, assim será para com o outro. Não há tempo e nem motivação para se relacionar com outra pessoa e ter vínculos diretos e estreitos, no mundo veloz é necessário ser uma pessoa intensa e mutável

Quinto: novamente, para Rosa (2019), a sociedade tardo moderna é caracterizada, essencialmente, por ter que se estabilizar dinamicamente. Isso significa que não pode desacelerar, que não pode parar de se aprimorar, de produzir mais, de avançar tecnologicamente, pois isso significaria um colapso total.

A alta dinamicidade obriga que, em um cenário competitivo, de não relação com nada que seja externo e não entendimento do próprio eu, o único horizonte possível seja a intensidade a liquidez. (BAUMAN, 2001)

Como dito por Castells (2003) (ver 1.3.2), a transição para a sociedade contemporânea é pautada na quantidade e velocidade de questões informacionais. São diversos aspectos, de diversas áreas, em grande velocidade e constância, que tornam impossível que os indivíduos se mantenham atualizados da maneira necessária para uma vida integrada com o mundo em suas três grandes dimensões, social, material e existencial (ROSA, 2019, p. XXXVII).

Existe uma impossibilidade de compreender a funcionalidade das **coisas**, fazendo com que as pessoas se aprimorem, pois necessitam ser ativas no mercado competitivo, mas não entendam, em sua totalidade, o porquê de cada coisa que fazem, aprendem e utilizam.

No limite, é como se a cada instante se utilizasse um objeto novo, com diferente cor, forma, peso, funcionalidade, com uma instrução elucidada do que fazer, mas não se entendesse o motivo de estar sempre tendo que trocar de instrumento e nem qual é a utilidade de cada um deles.

2.3.2 A juventude e a alienação

As alienações fazem com que a juventude tenha uma reação enérgica no modo como se coloca no mundo, já que é permeado por uma competitividade incessante e pelos *declives escorregadios*[48].

Houve um tempo no qual a tecnologia era uma promessa de facilidade e desenvolvimento, que possibilitaria uma maior integração do sujeito com a comunidade, deixando-o livre de afazeres domésticos/trabalhistas e desenvolvendo um bem-estar comum.

Essa trajetória é posta em xeque com a sociologia de Hartmut Rosa, ao demonstrar que há uma espécie de funcionamento próprio do sistema, que não permite mais que os indivíduos estejam integrados nele, mas que apenas vivam cada dia como um aprimoramento do anterior, em quantidade e velocidade de afazeres.

O resultado das alienações causadas pela aceleração social própria da modernidade tardia e o efeito que isso tem na juventude, já que, cada vez mais, entre gerações se tem mudanças drásticas, como diversos empregos, diversos núcleos familiares, diversas organizações culturais, econômicas e políticas, é a não contemporaneidade do contemporâneo. (ibidem, p. 608)

Cada um se sente isolado em seu próprio mundo, se entende de uma forma única, hiperindividualista, que se molda a cada instante e que não pode se relacionar com outra, já que a velocidade, a necessidade e a maleabilidade de tudo torna impossível qualquer junção, reconhecimento ou vínculo.

2.4 A psicologia de Jean M. Twenge

Em uma mesma perspectiva, Twenge (2018), ao analisar a *Geração Eu*, entende que os nascidos entre 1995 e 2012 marcam a primeira geração que tem sua passagem da adolescência para a vida adulta utilizando diariamente os *smartphones*, tendo-os como meios de sociabilidade, informação e interação logo no ensino médio, e que "[...] A predominância

[48] Hartmut Rosa utiliza o termo *slipping slopes.* Seriam exemplificados enquanto desmoronamentos, desabamentos, no qual tudo que está presente acaba por deslizar junto e a única oportunidade de se manter estável é se agarrando em algo fixo, como uma pedra ou um galho, uma analogia à aceleração social e a mudança incessante nos mais diversos âmbitos, como demonstra o autor. (ROSA, 2019)

absoluta do smartphone entre adolescentes tem efeitos sobre todas as facetas da vida da geração *i*, desde as interações sociais à saúde mental" (ibidem, p. 16)

A *Geração Eu* cresce e molda sua identidade num cenário de desigualdade crescente de renda e individualismo cultural, fazendo com que cada vez mais suas decisões e o modo como se relaciona com o mundo tenha a individualidade norteando-a.

Para a psicóloga, os efeitos psíquicos gerados pelo uso massivo e diário das tecnologias fazem com que essa geração tenha dez indícios de mudanças, se comparada às gerações anteriores:

1) demora mais para atingir a vida adulta; 2) passa uma quantidade de tempo nos *smartphones* diariamente e isso traz consequências, como, por exemplo, o aumento nos níveis de estresse, índices maiores de ansiedade, depressão, e maior dissociação com o mundo ao seu redor; 3) um declínio da interação social ao vivo; 4) aumento agudo de transtornos mentais; 5) declínio da religião; 6) Maior interesse em segurança, tanto física quanto mental, mas um declínio no envolvimento cívico; 7) Detém uma compreensão em relação ao trabalho enquanto desesperadamente necessário, ou seja, está cada vez mais endividada e pensando no trabalho essencialmente enquanto renda; 8) novos posicionamentos em relação ao sexo, relacionamentos e filhos, sendo que as três categorias estão diminuindo em seus índices tanto para o começo de tais atividades/acontecimentos quanto em sua continuidade; 9) é mais inclusiva, busca uma igualdade mas ao mesmo tempo, devido à sua necessidade de segurança, reprime a liberdade de expressão quando tangencia assuntos delicados; 10) valoriza visões políticas independentes, que saiam do *Establishment*.[49] (ibidem)

2.4.1 *Smartphones*

Todas essas tendências dão sequência ao que os *millennials* (nascidos entre 1980 e 1994) evidenciaram em seu período da juventude, mesmo não tendo acesso diário às novas mídias

[49] A definição de *Establishment* pode ser tomada enquanto ordem ideológica, política e legal que constituí uma sociedade ou Estado, assim como a elite social, econômica e política ou grupo de indivíduos com poder e influência em determinada organização ou campo de atividade. Aqui o termo é empregado aparato burocrático legal e convenções político-sociais que estão presentes historicamente no funcionamento eleitoral e modo de governabilidade, fazendo com que sujeitos que saiam desses padrões, que "dizem o que pensam sem se preocupar com as consequências", sejam valorizados.

dessa maneira, o uso dos *smartphones* está correlacionado com essa mudança de comportamento nos pontos listados por Jean M. Twenge

Principalmente quando os índices começam a ter uma grande discrepância a partir de 2010-2011, época em que houve, concomitantemente, um aumento no uso da tecnologia, sobretudo dos *smartphones*, computadores e novas mídias, bem como a entrada da *Geração Eu* no ensino médio e, posteriormente, na faculdade.[50]

Twenge Afirma ainda que a *Geração Eu* sofre da necessidade de segurança (física e mental) em diferentes ações sociais, que a transição para a vida adulta é mais lenta, que ficam mais tempo usando os celulares e pouco tempo em interações sociais concretas e físicas (TWENGE, 2018).

Essas consequências psíquicas possuem causalidade com os *declives escorregadios* (ROSA, 2019) mencionados anteriormente, o mundo é pautado por essa velocidade média constantemente crescente, se estabiliza dinamicamente e faz com que os sujeitos estejam em contato com um número exacerbado de informações e possibilidades, tentando realizar cada vez mais coisas no menor tempo possível. O *multitasking*[51] (ver 2.5.1 e 2.7.2) é o exemplo de como os *centennials*[52] utilizam os *smartphones* para não se tornarem obsoletos diante da globalização, para estarem sempre presentes em diversos locais (artificiais), conversando com diversas pessoas, se informando de diversas coisas, mas focado em si, nunca na comunidade em seu entorno ou no outro com quem se relaciona.

---

[50] Twenge faz esse levantamento com intuito comparativo em seu livro *iGen* (2018), demonstrando que a juventude tem sua passagem para a vida adulta no mesmo momento em que há uma crescente utilização das tecnologias. O resultado dessa relação entre sujeito-instrumento é citado anteriormente, evidenciando uma mudança de postura dessa geração para com as anteriores. Vale ressaltar que a autora se preocupa em investigar outras causas, como a crise de 2008, o crescimento populacional, dentre outros fatores, além de observar se alguns jovens estariam mais propensos a usarem massiva e diariamente as tecnologias por se encontrarem em determinado grupo social, classe social, ou até pela própria personalidade.

[51] Seria o ato de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, segundo Hartmut Rosa (2019) o *multitasking* é consequência dos sujeitos globalizados estarem sempre com tarefas acumuladas e situados em um mundo competitivo, fazendo com que seu tempo disponível e sua atenção tenham que estar otimizados da melhor (leia-se mais produtiva) forma possível, caso contrário cairão nos *slipping slopes*, ou seja, ficarão desatualizados.

[52] *Centennials* também é um termo usado para se referir à *Geração Eu* (nascidos de 1995 até 2012), assim como comumente se encontra essa geração sendo referida como Geração Z em alguns estudos.

2.5 A neurociência de Manfred Spitzer

O neurologista Manfred Spitzer, através de sua análise sobre como *gadgets*[53], a *internet* e novas mídias estão transformando a vida daqueles que as utilizam diariamente, sobretudo, a juventude, concluirá que o uso contínuo e diário dos *smartphones*, gera pessoas doentes.

Os mais jovens serão mais vulneráveis a esses impactos tendo aumento em taxas de ansiedade, depressão, déficit de atenção, irritabilidade e dependência desses instrumentos. Serão sujeitos com inúmeras patologias decorrentes desse uso abusivo do tempo dos novos instrumentos digitais (SPITZER, 2015).

Além disso, há uma alteração qualitativa no que significa ser humano, quais são as disposições desses indivíduos com a vida em si. A juventude que está crescendo e utilizando a tecnologia diariamente para auxiliar nesse processo acaba por fazer com que haja índices enormes e crescentes dessas patologias, isolando os indivíduos de uma vivência e experiências reais, cada vez mais com doenças que dissociam o ser do todo, o sujeito da comunidade, o real e o artificial.

2.5.1 Multitasking e neurociência

Em sentido semelhante a Hartmut Rosa (ver 2.3), Manfred Spitzer compreende que o *multitasking* é prejudicial para as pessoas, uma vez que o cérebro humano não tem um funcionamento que permita ou que seja constituído nos afazeres múltiplos e simultâneos. Ma verdade, pontua que há uma pré-disposição do cérebro humano em tentar se distrair, a preguiça é mais atrativa do que a produtividade. (SPITZER, 2015)

A tecnologia, o uso de redes sociais, dos *gadgets* e novas mídias, induzem, para o autor, ao *multitasking*, e esse por sua vez exemplifica o paradoxo do *enrijecimento* (ROSA, 2019), no qual quando se faz muitas coisas ao mesmo tempo, se tem um rendimento pior do que se realizasse cada coisa em seu próprio tempo, assim como quanto mais se acelera em alguns setores da sociedade, mais se tem uma percepção de *paralisação frenética* em outros.

O uso diário da tecnologia e o *multitasking* moldam o desempenho dos atores sociais em suas diversas funções, assim como geram uma problemática em torno de como surge o vício

---

[53] É o termo cunhado para designar dispositivos eletrônicos portáteis, como os *smartphones* e *tablets.* Pode ser traduzido para o português como aparelho, sendo que sua característica é a portabilidade e praticidade cotidiana.

no *smartphone* e demais aparelhos, que segundo Spitzer (2015, p. 31.):

> "[...] por um lado, nosso cérebro elabora incessantemente as estatísticas e, em sua atividade, interpreta os dados, um caráter geral para poder prever eventos subsequentes; por outro lado, essa aprendizagem de regularidades universais presentes no mundo deve ser diferenciada da aprendizagem de eventos que se destacam no que diz respeito ao fluxo experiencial graças à avaliação do cérebro."[54]

Portanto, a quantidade de informações apreendidas pelo cérebro humano ao navegar pelo *ciberespaço*[55] faz com que haja uma interpretação quantitativa e qualitativa dessas estatísticas enquanto eventos sucessivos.

Mas para além disso, há uma atribuição valorativa para tais eventos, como o uso de redes sociais e as reações ao se postar uma foto no *facebook, Twitter, Snapchat* ou *instagram*, o cérebro e seu funcionamento, do sistema nervoso à liberação de endorfina e dopamina, fazem com que exista um vício em torno dessa questão, assim como é com a comida, com a nicotina, com o álcool etc.

Ocorre a necessidade de uma busca incessante pelo excesso de informações e, sobretudo, pelo conforto, satisfação, de determinadas atitudes, tomando como exemplo novamente o ato de postar uma foto esperando uma determinada reação da comunidade no *ciberespaço*.

A partir dessas tendências observadas empiricamente pelos autores, ao analisar um grupo específico de jovens que estão entrando na vida adulta, com diferentes ocupações, gêneros, faixa etária, classes sociais, religiões ou religiosidades e regiões, a monografia busca entender quais são as relações das pessoas com o uso dessas tecnologias, como isso afeta seus

---

[54] [...] "da una parte, il nostro cervello elabora incessantemente statistiche e nella sua attività interpreta dati di. carattere generale in modo da essere poi in grado di prevedere gli eventi successivi; dall'altra, tale apprendimento di regolarità universali presenti nel mondo va distinto dall'apprendimento di eventi che vengono messi in rilievo rispetto al flusso esperienziale grazie alla valutazione nel cervello." (SPITZER, 2015, p. 31)

[55] É o espaço virtual no qual os computadores são colocados em comunicação por meio de uma rede: "Lo spazio virtuale in cui i computer sono messi in comunicazione attraverso una rete viene definito dcdYOxford English Dictionary come «cyberspace»." (SPITZER, 2015, p. 47)

afazeres e quais são suas expectativas diante da vida, relacionamentos, posicionamento político, com o trabalho, família, faculdade.

2.6 Os impactos da revolução tecnológica.

Em um encontro entre Alice e a Rainha, em *Alice através do espelho* (CARROL, 1977), ambas se põem a correr, sem motivo aparente. Alice recorda que a Rainha era muito rápida e que apenas podia tentar acompanha-la, entre gritos de "Mais depressa!", Alice correu até não ter mais energias, até que subitamente pararam de correr.

Quando Alice parou para descansar, olhou em seu entorno e achou que ela e a Rainha não saíram do lugar, já que o ambiente parece o mesmo. "Claro que está, o que você esperava?" responde a rainha.

Alice responde que, em sua terra, quando se corre muito depressa e durante muito tempo, como acabaram de fazer, geralmente se chega noutro lugar. "Que terra mais vagarosa!" responde a Rainha. E continua explicando que ali se tem de se correr o mais depressa possível, quando se quer ficar no mesmo lugar. Se você quiser ir a um lugar diferente, tem de correr pelo menos duas vezes mais rápido do que correu naquele momento.[56]

Esse diálogo entre Alice e a Rainha é um retrato *nonsense* da situação em que a juventude se encontra em sua relação com a revolução tecnológica da internet, novas mídias, *gadgets* e demais invenções tecnológicas.

As manifestações do cotidiano, as demandas do mercado de trabalho, de qualificação educacional e profissional, do desenvolvimento pessoal, da identificação a partir de modas estéticas determinadas pelo mercado, e da interação infinita e simultânea da internet e das redes sociais, geram, como em Alice, a sensação de não ser possível sair do lugar, independente do quanto se corra.

Já as tentativas de movimentação, de solução de problemáticas, de novas formas de pensar, se deparam com a resposta da Rainha, como uma espécie de determinação do capitalismo contemporâneo: se quiser sair do lugar, terá de correr duas vezes mais rápido. [57]

---

[56] Ver Carroll, Lewis. Alice através do espelho, 1977, p. 154.

[57] Essa reflexão se desenvolveu a partir do uso desse mesmo trecho de Alice através do espelho por Aldous Huxley (2016)

2.6.1 O "Homem invertido".

Quando Imannuel Kant (1784, p. 1), em resposta à pergunta *O que é o Iluminismo?* diz: "*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo", idealiza, através de sua doutrina, a noção do que seria o ser humano livre, emancipado do autoritarismo, físico e simbólico, do controle de outrem, a visão de que o indivíduo pode ser tomado como meio para finalidades próprias.

Para Kant e diversos outros iluministas, a saída da menoridade representava a perspectiva de progresso depositada no futuro. Em outras palavras, as revoluções que ocorrem em solo europeu e norte-americano, assim como o desenvolvimento de novas maneiras de enxergar o mundo, ditavam a busca por uma filosofia universal, que se adequasse a todas as necessidades humanas.

Aproximadamente três séculos depois, o que proporciona o surgimento de uma nova maneira de investigação, compreensão e consolidação de normas sociais se mostra incapaz de proporcionar para o indivíduo o que fora idealizado no início da modernidade.

Dito de outra forma, a modernidade, suas promessas, sua origem, se consolidam, através de seu próprio desenvolvimento, de forma contrária, contraditória, quase parecendo outra coisa, mas é na verdade um desdobramento de si mesma.

O "Homem invertido" é um conceito que aprofunda a noção de que, atualmente, na modernidade tardia, o indivíduo tem que lidar com o fato de que é justamente o contrário do que fora idealizado pela teoria kantiana. Se desenvolve enquanto objeto, enquanto meio, para satisfação da finalidade de outros.

2.6.2 Da juventude ao consumo.

Em um trecho do livro *Os Anos*, Annie Ernaux (2019) recorda a passagem do século XX para o século XXI e fala sobre o impacto da tecnologia no conhecimento, da dinâmica aceleratória e o fenômeno do presentismo:

> A memória tinha se tornado inesgotável, mas a profundidade do tempo – cuja sensação era produzida pelo cheiro e o amarelecido do papel, o barulho das páginas, o sublinhado de um parágrafo pela mão de um desconhecido – tinha

desaparecido. Estávamos em um presente infinito.[58]

Atualmente, com altos índices de acesso à internet e consumo de novos aparelhos tecnológicos, as questões sociais que mesclam a realidade com o virtual, as manifestações no cotidiano, nas instituições, nos grupos sociais, nas classes sociais com as manifestações no ciberespaço, que também criam uma nova expressão cultural e novas estruturações, estão cada vez mais presentes na mente e no corpo de todas as pessoas.

Conforme dito em 2.3.1, as alienações causadas pela destituição de vínculos entre cada pessoa e o mundo externo, em entendimento e contato, obrigam as ações e visões de mundo das pessoas a se adequarem a uma nova forma. Daí que os processos de alienação sofridos e as causalidades que advêm disso são estruturantes para que o "Homem invertido" ocorra física e simbolicamente.

A partir dos dados coletados em uma pesquisa não amostral realizada pela consulta Brasil, de 2019, 86% das crianças e adolescentes declararam usar a internet diariamente[59]. A predominância do uso do celular/*smartphone* é de 66% para crianças e 81% para adolescentes acessarem a internet.[60] Sendo que mais de 75% dos adolescentes declararam ter o próprio celular para acessar a internet[61]

Ainda segundo essa pesquisa, 40% das crianças e jovens afirmaram que o que mais gostam de fazer na internet e/ou usando tecnologias é jogar *online*, 38% baixar/acessar vídeos, filmes e desenhos, 37% baixar/ouvir música, 27% se comunicar com amigos e parentes, 18% pesquisas escolares ou assuntos que gosta, 15% ver memes, 10% fazer novos amigos, 10% acompanhar e seguir pessoas famosas, 7% notícias do mundo, 5% ler livros, 4% produzir conteúdo como blogs ou vídeos, 4% fazer compras e 1% usar para auxiliar em tarefas dificultadas por alguma deficiência[62].

---

[58] Ver ERNAUX, Annie. O presente Infinito. Revista Piauí. 2019. Disponível em: < https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-presente-infinito/?logged > Acesso em 07 de outubro de 2021.
[59] Ver Consulta Brasil. Relatório descritivo e analítico com os resultados da pesquisa. Viração Educomunicação. Dezembro de 2019, p. 51. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/julho/201912_Relatorio_PesquisaEAtividadesConsultaBrasilViracaoRedeCS.pdf >. Acesso em 01 de outubro de 2021.
[60] Ibid., p. 58.
[61] Ibid., p. 60.
[62] Ibid., p. 66.

A maior parte dos dados indica que as principais atividades das crianças e jovens estão ligadas ao entretenimento e comunicação, essa juventude que é a maioria em termos de uso da internet e novas tecnologias, além de ter uma relação com o novo mercado que é criado, sofre uma enorme influência de sua lógica. (ver 3.2)

Em uma resposta múltipla, 75% declaram ter perfil no WhatsApp, 68% no Facebook, 62% no Instagram, 58% no Youtube, 45% em jogos *online*, 39% no Snapchat e 19% no Twitter.[63]

Desse total, apenas 2% começou a usar redes sociais após os 14 anos de idade. E a internet em relação à vida social é vista da seguinte forma pelos participantes da pesquisa: apenas 10% discordam que a internet foi criada para unir as pessoas, mas teve efeito contrário, apenas 6% discordam que os adolescentes se abrem mais na internet do que com os pais. 10% discorda de que se tivessem mais atenção da família as crianças e adolescentes passariam menos tempo no celular, 22% discorda de que "quando estou na internet não presto atenção no que falam comigo", 26% de que "aprendi a usar a internet e as redes sociais com uma pessoa de minha família, e 10% que os aplicativos de redes sociais facilitam a comunicação com a família.[64]

Mesmo a maioria dos jovens tendo acesso à internet frequentemente e participando de novas dinâmicas sociais, artísticas, culturais, de comunicação e criação, aparentam não acharem a experiência, individual e coletivamente, positiva em diversos aspectos.

Levando em consideração a influência das redes sociais no modo de pensar e agir das pessoas e nas próprias instituições e seu modo de divulgação, acesso, transparência, estratégias etc. a maioria das crianças e jovens costuma permitir que os aplicativos e sites tenham acesso a seus dados pessoais, além de confiarem nos aplicativos e redes sociais que usam.[65]

A pesquisa não é amostral e não representa a população jovem do Brasil como um todo, mas indica uma dinâmica interessante da dualidade do usar e do pensar sobre a internet e as novas tecnologias. [66]

---

[63] Ibid., p. 76.
[64] Ibid., p. 86.
[65] Ibid., p. 95-96.
[66] Importante pontuar que a quantidade de pessoas com acesso à internet não traduz a qualidade da conexão que cada sujeito possuí, sendo que, no Brasil, uma análise da velocidade de conexão levando

No site da Agência Brasil, divulgando uma pesquisa realizada pelo TIC Kids, 80% dos jovens brasileiros entre 9 e 17 anos acessam a internet, com o celular sendo utilizado 83% das vezes.[67]

Já no relatório da CEPAL, Kids *online*, realizado em 2020, pesquisas do Kids online no Brasil (2016), Chile (2016), Costa Rica (2018) e Uruguai (2017) são comparadas a partir de dados sobre a infância e a adolescência na era digital. [68]

Segundo os dados todos com exceção da Costa Rica, com seu segundo índice mais alto de consumo do mundo digital pela juventude sendo *Educação e Aprendizagem*, demonstram que *Entretenimento e Criatividade e Sociabilidade* são as categorias que as juventudes passam mais tempo no mundo digital independentemente do nível socioeconômico.[69]

Em todos os países, diversas situações que significam perigo e ameaças para a integridade física ou mental de crianças e adolescentes se manifestam em diversos âmbitos do mundo digital. Pornografia, cyberbullying, contato com desconhecidos, exposição de dados e características da vida pessoal publicamente, além de outros espaços potencialmente violentos.[70]

Através de diferentes coletas e interpretações de dados, é visível que a participação de crianças e jovens no mundo digital através da internet e de diversos aparelhos e crescente mesmo compreendendo os aspectos prejudiciais que envolvem essa prática. Além disso, continuam utilizando e ocupam esses espaços e se manifestam a partir de questões que são, sobretudo, relativas à entretenimento e comunicação. Passam, dessa forma, a incorporar

---

em consideração as regiões do país, centros e periferias em metrópoles, capitais e cidades do interior, é de suma importância para maior compreensão do problema.

[67] Ver MELLO, Daniel. Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. Agência Brasil. São Paulo. 10 de outubro de 2016. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam# > Acesso em 01 de outubro de 2021.

[68] Ver D. Trucco, A. Palma, Editoras, "Infância e adolescência na era digital: um relatório comparativo dos estudos Kids Online Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai", Documentos de Projetos (LC/TS.2020/18/Rev.1), Santiago, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), 2020. Disponível em: < https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20200820160151/infancia_e_adolescencia_na_era_digital_pt.pdf > Acesso em 01 de outubro de 2021.

[69] Ibid., p. 87.

[70] Ibid., p. 93.

diversos aspectos referentes à aceleração tecnológica e alienações causadas (ver 2.3.1), das mudanças geracionais e sua relação com o *smartphone* (ver 2.4.1) e do uso do *ciberespaço* para construções identitárias, físicas, intelectuais com um uso que é incompatível com necessidades cerebrais (ver 2.5.1).

A transformação do indivíduo em objeto, se tornando meio para finalidades particulares, acaba por se configurar e desenvolver a partir do uso da tecnologia e da internet como maneira de consumo[71] e orientação a partir do mercado, sem compreensão das diversas informações e um preparo para o uso e suas consequências.

As crianças e adolescentes modificam o mundo e a si próprias de acordo com uma concepção extremamente imediatista imposta pela internet e viciosa, como demonstra Manfred Spitzer (2015).

A mudança geracional, conotando uma transformação na opinião sobre assuntos que são tabus e uma maior insegurança sobre o mundo externo, dentre outras questões, como compreende Twenge (2018), passa a dialogar com as alienações que ocorrem através das novas dinâmicas criadas pela tecnologia (ROSA, 2019) e a dificuldade que é se estruturar em uma sociedade extremamente rápida e fragmentada.

Uma consequência dessas mudança são os diversos mitos criados para solucionar, naturalizar e impulsionar o contato das crianças, jovens, adultos e idosos com a internet e as novas tecnologias, já que através disso e possível fomentar a publicidade, o consumo, a consolidação do hiperindividualismo, a visão de mundo capitalista e competitiva, hedonista.

2.7 Universo digital e educação

> Era uma escola festiva, em que os macacos, as borboletas, os seixos de estrada não só faziam parte do material escolar como davam palpites sobre a matéria, por esse ou aquele modo peculiar a cada um deles. O entusiasmo foi tamanho que pais e filhos chegaram à conclusão que melhor fora transformar o estabelecimento, já então sem sede fixa nem necessidade de tê-la, numa escola

[71] Em hipótese levantada por Byung-Chul Han, atualmente o consumo vem se transformando a partir de uma obsessão por *não-coisas*, ou seja, não são mais objetos físicos os mais almejados, mas sim dados e informações que são valorizados pelas redes sociais, internet e algoritmos presentes no cotidiano. Ver entrevista: FANJUL, C. Sérgio. Byung-Chul Han: "O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário". El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html?rel=mas_sumario > Acesso em 20 de outubro de 2021.

> natural de coisas, em que tudo fosse objeto de curiosidade, sem currículo, e sem diploma, onde todos aprendem de todos, na maior alegria e falta de cerimônia, até que o Incra ou outro organismo civilizador qualquer se lembre de dividir as terras de Sambaíba em fatias burocráticas e legais. Será a escola perfeita?[72] (Carlos Drummond de Andrade)

Os indícios da juventude adentrando o mundo digital e sua relação estreita com o mercado (Ver 2.6.2), suas determinações no modo de pensar, agir e ser, geram a criação de mitos, estratégias e maneiras de consolidar e conciliar o uso da internet e de novas tecnologias com o imaginário das pessoas, sobretudo crianças e adolescentes.

Daí que, cada vez mais, o processo de ensino e aprendizagem vem sofrendo consequências da pressão existente para que sejam possíveis processos de modernização, aonde tecnologia tem papel central.

Descolada da realidade as propostas de modernização das escolas, instituições centrais na formação identitária, das relações sociais, de organizações culturais, na vida de crianças e adolescentes, vão no caminho oposto da escola ideal de Carlos Drummond de Andrade.

Não têm relação com o mundo externo, não proporcionam o contato mútuo, a empatia[73] e a noção de coletivo, o conhecimento é mecânico e o órgão civilizador é globalizado, tecnológico e impõe tendências do que é ou não importante de ser assimilado.

2.7.1 Nativos digitais, imigrantes digitais na educação

Em um *Nativos digitais, imigrantes digitais*, Marc Prenksy (2001) cunha dois termos que passariam a ser discutidos na literatura sobre o mundo digital e o crescente acesso de jovens e adultos.

Para o autor, quando se trata de educação, novas maneiras de aprendizagem, e a própria comunicação entre as gerações tem uma nova configuração no mundo. Para isso, é necessária a compreensão do tempo em que cada processo de aprendizado se desenvolve e a própria relação com a tecnologia que permeia cada tempo histórico.

---

[72] Escrito por Carlos Drummond de Andrade, no texto "A escola perfeita", do livro *Contos Plausíveis*, citado em SCHWARCZ, Lillia. Sobre o autoritarismo brasileiro. Capítulo 5: Desigualdade social. Editora Schwarcz. São Paulo. 2019

[73] A empatia é algo que é aprendido, aprofundado e desenvolvido através de relações sociais. Ver página 170-171, SPITZER (2015).

Os nativos digitais seriam a juventude que nasce, cresce e se desenvolve com o uso diário das novas tecnologias da internet, assim como constatado por Twenge (2018). Essa geração participa da dinâmica de um tempo veloz e necessita de atividades que abarquem essa demanda contudo, na análise não poderia se desenvolver as alienações compreendidas por Rosa (2019), já que a proposta para Prenksy (2001) é vista como positiva, no sentido de que a integração da juventude com a tecnologia nesses espaços seria benéfica e contribuiria para seu desenvolvimento intelectual e físico.

Aquilo que Spitzer (2015) fala sobre a educação e os perigos da inserção de novas tecnologias e a internet na rotina de crianças e jovens, pelo risco neurológico, psicológico e sociológico que isso representa, é assimilado pelo mito dos nativos digitais. (KIRSCHNER & BRUYCKERE, 2017)

Segundo os autores (ibidem), há um equívoco na noção de que os nativos digitais sejam uma nova condição humana de aprendizado em si. Os imigrantes digitais, que seriam as gerações que ainda se adaptam e encontram dificuldades com a tecnologia, não devem apenas se inserir em um mundo digital no qual existem diversos problemas comprovadamente perigosos para um processo educativo e de sociabilidade, mas deveriam poder aprender sobre os riscos e utilizar essas tecnologias com cautela .

Os nativos digitais, os imigrantes digitais e demais categorias são criados e desenvolvidos a partir de um horizonte que desejaria impulsionar a educação digital, como forma de lucro e benefícios corporativos, como demonstra Spitzer (2015), seguindo uma lógica de individualização e redução do contato social nas dinâmicas que antes tinham valores importantes na infância e adolescência (TWENGE, 2018), e que é determinada pela aceleração tecnológica e as alienações que essa impõe para a juventude, totalizando uma maneira de agressão no momento de formar laços com o mundo externo.

2.7.2 Aprendizado simultâneo?

Como dito em (2.5.1), a partir da análise de Spitzer (2015), o *multitasking* e seu desenvolvimento cerebral, sobretudo em um momento importante da consolidação da capacidade de observar, analisar, compreender, desenvolver causalidades, determina que

dificuldades e vícios serão criados, já que o funcionamento do cérebro é realizado de forma não fragmentada e acelerada na assimilação de conhecimento.[74]

Em (2.3.1), quando falado sobre a aceleração social e as alienações que estão presentes nas pessoas da modernidade tardia, o conceito de *multitasking* também é importante em ROSA (2019). E na interpretação de dados, Twenge (2018) compreende que a quantidade de horas que os jovens utilizam nos aparelhos e na internet, sobrepõem as 24 horas diárias possíveis, ou seja, acessam mais de uma plataforma, aplicativo, rede social, por vez.

Exemplificando o que é a aceleração social autoritária, as pessoas se encontram obrigadas a adquirirem uma nova visão de mundo sobre o tempo, o espaço, a natureza, os instrumentos e de si mesma e dos outros.

O *multitasking* é o exemplo prático de como o tempo é escasso – ou parece ser – e as tarefas são velozes e crescentes, passando a se internalizar que a realização de diversas atividades, a divisão da atenção, o encurtamento de necessidades fisiológicas como comer ou dormir, são sacrifícios que as pessoas fazem para não caírem no esquecimento, na obsolescência.

Os dados interpretados por Twenge (2018) são convergentes na análise de que as crianças e jovens da geração *Eu* passam a utilizar diversos aparelhos, redes sociais, e fazer diferentes atividades para que possam se manter atualizadas, ocupadas e até seguras.

Twenge cita ainda a síndrome do *fear of missing out* conhecida como FOMO, que impulsiona para que, a cada instante, a ansiedade, a vontade, a pressão, na mente dos jovens os faça estar em constante acesso à informação e conteúdo de conhecidos e não conhecidos na internet.

O mito do *multitasking* faz com que seja naturalizada a capacidade da arquitetura cognitiva do ser humano e o processamento por ele a partir da lógica que é possível realizar diversas tarefas e absorver com sua informação, interação etc. (KIRSCHNER & BRUYCKERE, 2017, p. 138).

---

[74] Ver LEPP, Andrew, Barkley, E. Jacob, KARPINSKI, C. Aryn. The relationship between cell phone use, academic performance, anxiety, and Satisfaction with Life in college students, Computers in Human Behavior, Volume 31, 2014, Pages 343-350, ISSN 0747-5632. https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.049. Disponível em: < https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563213003993 > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

Estudos analisaram a capacidade de concentração e a realização de outra atividade que necessitasse processar informações ou pensar, como troca de mensagens, demonstrando como é afetada em relação aqueles que apenas se concentram em uma atividade. (idem, p. 139)

Spitzer (2015), Rosa (2019) e Twenge (2018), percebendo as dinâmicas da realização de diversas tarefas simultâneas e a necessidade externa imposta sobre jovens para que essa perspectiva fosse naturalizada, traçam uma conclusão similar à de Kirschner e Bruyckere (2017).

As capacidades cognitivas não são respeitadas e consequências como a perda de atenção, capacidade de assimilação de informação, de compreensão, de reflexão e da própria percepção do entorno é prejudicada, causando mudanças na criação, identificação e autoconhecimento, tendo em vista que a escola é um espaço de contato social amplo e formador de estratégias de aprendizagem e visões de mundo.

Diante desse panorama, a China, o país mais populoso do mundo, reconhecendo que o uso de telas por crianças e adolescentes gera problemas de vista em larga escala, de concentração e comportamentos viciosos em relação à internet, decidiu que os celulares fossem proibidos nas escolas.

74% das crianças e adolescentes chineses abaixo dos 18 anos tem acesso à internet através de seus *smartphones*, o que implica que todas as instâncias, incluindo as escolas, estão permeadas pelo uso contínuo de novas mídias. Além disso, o governo determinou que, durante a semana, pessoas com menos de 18 anos apenas poderão jogar videogames por uma hora e meia diárias e três horas nos finais de semana e feriados. [75]

2.7.3 Educação, estigmas e instituições totais.

Miguel Benasayag e Gerald Schmit (1996, p. 35), quando tratam de educação, entendem que esta está sendo estruturada a partir de uma lógica utilitarista, que impede a juventude de sanar seus desejos pelo conhecimento, de domínio, de prazeres, impedidos por uma sociedade extremamente competitiva.

---

[75] Ver WAKEFIELD, Jane. China bans children from using mobile phones at school. BBC. Fevereiro de 2021. Disponível em: < https://www.bbc.com/news/technology-55902778b > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

Crianças e adolescentes aprendem a remediar riscos (1.6.2), tanto no macro quanto no micro. Assim, geram uma maior insegurança, tema bem abordado por Twenge (2018) como determinante da nova geração, e estruturam esse pensamento também pela instituição escolar.

A própria escola, respondendo a um contexto externo, reproduzindo violências, como dito por Bourdieu (SAVIANI, 1982, p. 8-9) passa a ser uma representação ideal da lógica do modo de produção, de modelos simbólicos, de coesão social.

O sistema em vigor, contendo características autoritárias e representando uma ameaça para a juventude, sobretudo para as de classes mais baixas e grupos sociais minoritários, é baseado na passagem do w*orkfare* para o *prisonfare*, como dito por Wacquant (2008, 2010 e 2012), ver 1.6.7.

A formação de guetos (ibidem, 2010) e a violência como estruturadora do imaginário de grande parte da população do mundo, geram um cenário de competitividade que sustenta o individualismo das pessoas, e é essa lógica que está presente no processo educativo.

As instituições totais (GOFFMAN, 2015**)**, que renovam e reproduzem corpos e mentes, padronizando indivíduos que não se encaixam em determinados padrões sociais, trabalhistas, culturais, religiosos, políticos e econômicos, também se relacionam com os estigmas (GOFFMAN, 2012) existentes em torno de grupos sociais discriminados, vistos como incapazes e menos importantes, se tornando ambientes de violência e repressão. Vale lembrar que as escolas não são instituições totais, mas a analise feia por Goffman contribui para a reflexão de violências sistemáticas e padronizações de indivíduos

Miguel Benasayag e Gerald Schmit (1996) apontam que os rótulos determinados para grupos específicos os colocam em um patamar de conhecimento que se estrutura a partir de determinados rótulos. Dizer que uma pessoa que é cega, surda, drogada etc. muitas vezes implica que ela será determinada a partir dessa palavra, que representa uma padronização de sua diversidade.

Quando se trata dessa dinâmica no mundo digital, o mercado que se desenvolve a partir da imagem do corpo humano, entrando em contato com diversas crianças e jovens diariamente, impõe rótulos que são altamente disseminados e dificultam que uma multiplicidade e que o próprio conceito de diversidade seja desenvolvido plenamente, com diferentes formas de pensar, de se manifestar e alterar o entorno, se tornando algo distante e pouco digno de atenção.

O tempo de uso de telas por adolescentes está intimamente ligado com a capacidade de desenvolver o sentimento de empatia com os próprios pais e colegas. Com o declínio das relações sociais presenciais, o entendimento de expressões faciais e corporais, de sons e cheiros, de fatores que só podem ser percebidos através da relação humana, com contato, não pode ocorrer.[76]

Com a facilidade de as novas gerações acessarem e se desenvolverem no mundo digital, junto com o crescimento da internet e aparelhos tecnológicos permeando o processo educacional (ver 2.7.1 e 2.7.2), a estigmatização e a lógica da instituição total adentram o ambiente educacional e a vida cotidiana.

Rosa (2019), apontando para o caráter agressivo como o mundo afeta as pessoas através aceleração social, dialoga com Twenge (2018) desenvolvendo a perspectiva de que a aceitação de muitas pautas tidas como tabus históricos e novas maneiras de pensar estão intimamente ligadas com a perspectiva dos indivíduos como fragmentados, isolados, e por isso contraditória por não conseguirem se organizar socialmente e transformar o entorno, além da insegurança proporcionada e da necessidade de ambientes estáveis. Dito de oura forma, as novas formas de pensar dos sujeitos se relacionam com os riscos e novas organizações do mundo contemporâneo que foram expostas anteriormente.

O diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento aponta a complexidade da causa e dos efeitos da inserção de aparelhos digitais e da internet em todos os espaços que envolvem, sobretudo, crianças e adolescentes.

A criação de novas maneiras de pensar se situar no mundo através de telas e tecnologias altamente aceleradas, como demonstrado pelos autores, seguem uma lógica do mercado que, ao inviabilizar uma visão e formação humanitária e cívica dos indivíduos, passa a gerar problemas que formam uma espécie de epidemia dos celulares no mundo.

---

[76] Ver Richards R, McGee R, Williams SM, Welch D, Hancox RJ. Adolescent Screen Time and Attachment to Parents and Peers. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2010;164(3):258–262. doi:10.1001/archpediatrics.2009.280. Disponível em: < https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/382905 > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

O intuito do capítulo ao abarcar diversas esferas, foi demonstrar quais são as implicações teóricas e práticas, na vida de crianças e jovens que formam uma geração marcada pelo uso diário de telas no seu desenvolvimento.

No capítulo 3, buscaremos demonstrar como, na prática, a expansão do universo digital e sua presença cada vez mais forte na vida de todos, afeta as dinâmicas sociais, psicológicas e patológicas de uma sociedade que se organiza e responde a estímulos de viver uma vida rápida, dinâmica e volátil.

3. O UNIVERSO DIGITAL E SEUS IMPACTOS.

> Dias estranhos nos encontraram
> E através de suas estranhas horas,
> nós ficamos sozinhos
> Corpos confusos
> Memórias mal usadas
> Enquanto corremos do dia para a estranha noite de pedra.[77]
> (The Doors, Strange Days)

Formadas através da revolução tecnológica que ocorreu em meios de informação e meios digitais, na era da internet e do *smartphone*, e do "Homem invertido" as novas gerações tendem a cada vez mais se tornarem obtusas, formadas para pouca reflexão, num processo amplo de estímulos baseados no eu.

3.1.1 Saúde mental

Tanto Spitzer (2015) como Twenge (2018) e Rosa (2019) abordam o tema da saúde mental. A lógica predominante é a de que a fragmentação dos indivíduos, que já são formados para serem obtusos, competitivos, nervosos, hiperindividualistas e hedonistas facilita que o sentimento de não contemporaneidade do contemporâneo (ROSA, 2019, p. 608), os altos índices de que depressão, ansiedade, síndrome do pânico, isolamento crônico etc. (TWENGE, 2018) e patologias como insônia, obesidade, pressão alta, diabetes, anorexia etc. (SPITZER, 2015) se façam cada vez mais presentes na vida dos jovens

A era da tecnologia, antes da qual nunca houve tanta possibilidade de acesso à informação, a tantas coisas, em tantos idiomas, entrando em contato com diversas pessoas e acontecimentos ao redor do mundo, possibilita a noção de que valores como democracia, uma concepção de mundo universal, diversidades, dualidades, alteridade, multiplicidade, civismo, bem comum, não são necessárias para o desenvolvimento do eu.

A internet e os meios digitais, ao colocar o indivíduo como possível conquistador do mundo, obrigando-o a compulsivamente a ter gratificações momentâneas geram um cenário de adoecimento massivo, já que destituí qualquer um em qualquer momento de sua vida de vínculos substanciais, com coisas, consigo e com os outros, com o tempo e com o espaço.

---

[77] No original: Strange days have found us/And through their strange hours, we linger alone/Bodies confused/Memories misused/As we run from the day to a strange night of stone.

3.1.2 Tendências

O ocidente, fundando uma noção de que a história da humanidade é uma história de progresso (BENASAYAG & SCHMIT, 1996, p. 14), desenvolve o sentimento de manada nos indivíduos do mundo moderno. Não conseguem parar, estão sendo empurrados para frente e apenas podem aprender métodos e meios mais eficazes de irem adiante.

As equações formuladas anteriormente, sobre as determinações egóicas e destituídas de sentimentos que são desenvolvidas na internet e novas tecnologias, influenciando o imaginário da juventude, são equações formuladas através do entendimento de que ocorrem a partir de um espaço anárquico.

As tendências do mercado no mundo digital e sua relação com a juventude que utiliza diariamente a internet e transformam sua identidade[78], seu modo de pensar, sua biografia, a partir de determinações das redes sociais e algoritmos em larga escala, acabam por se tornar extremamente voláteis, mudança rapidamente e, consequentemente, impactando nas identidades que se relacionam com essas tendências

Tendências que são múltiplas e rápidas, comandadas pelo capital e pelos interesses pessoais e corporativos que se manifestam através de correntes, incentivos, impulsos, nas redes sociais, funcionam como o vento, direcionando a juventude. [79]

Por vezes, existem manifestações contrárias e debates sobre o próprio ambiente digital, em redes sociais e outras plataformas que se estruturam pela internet. Os malefícios compreendidos não impedem que as contradições sociais voltem à superfície, mas podem, também por vezes, determinar qual será o seu rumo.

É interessante constatar que a análise de Twenge (2018), sobre o posicionamento político, social e econômico, em âmbito público e privado, da juventude nos EUA, se organiza a partir do conceito de que a liberdade individual deve ser priorizada em detrimento de outras

---

[78] Um exemplo interessante é como as revoluções tecnológicas e a sociedade de consumo se reinventam e transformam as identidades individuais e coletivas a partir de uma lógica consumista. Ver FANJUL, Sérgio. Consumir procurando uma felicidade que nunca chega, como compramos para construir nossa identidade. El País. Outubro de 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-08/consumir-procurando-uma-felicidade-que-nunca-chega-como-compramos-para-construir-nossa-identidade.html Acesso em: 15 de outubro de 2021.

[79] É importante lembrar o conselho de Henry Thoreau (p. 64): "O homem cujo cavalo percorre uma milha em um minuto, não leva a mensagem mais importante […]"

questões, apenas encontrando resistência na liberdade de expressão quando fere ou ofende outro indivíduo ou grupo.

As novas formas de pensar o mundo e sua relação com a internet, têm uma esfera pouco explorada: muitas pessoas usam a internet sem saber. Em uma pesquisa feita em 11 países emergentes, mais de uma (1) pessoa a cada dez (10), utilizam redes sociais como o Facebook, WhatsApp, dentre outras, além de possuírem um *smartphone* com acesso à internet, mas declaram não usar a internet.[80]

Cada vez mais, em todos os países, as tendências que partem de uma dinâmica do mercado digital, com pessoas se informando através de redes sociais[81], construindo suas identidades a partir do consumo, crescem e fazem pare da vida do indivíduo globalizado, mesmo que muitas vezes não perceba essa influência no dia a dia.

3.2 As determinações das redes sociais.

> "Quando nós percebemos que a indústria do tabaco estava escondendo os danos causados, o governo tomou providências. Quando descobrimos que carros são mais seguros com cintos de segurança, o governo tomou providências. E quando nosso governo entendeu que os opioides estavam tirando vidas, o governo tomou providências. Hoje o Facebook molda nossa percepção de mundo selecionando as informações que vemos, mesmo aqueles que não utilizam o facebook são impactados pela maioria que usa. Uma empresa que possui influência tão assustadora sobre tanta gente, sobre seus mais profundos pensamentos, sentimentos, comportamentos, necessita de um controle real."[82] (Frances Haugen, 2021)

---

[80] Ver SILVER, Laura. AARON, Smith. In some Countries, many use the internet without realizing it. Pew Research Center. Maio de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/05/02/in-some-countries-many-use-the-internet-without-realizing-it/> Acesso em 15 de outubro de 2021.

[81] Mais da metade dos adultos nos Estados Unidos da América declararam, em 2021, que pelo menos as vezes utilizam as redes sociais para se informar sobre as notícias. Ver WALKER, Mason. MATSA, Katerina Eva. News Consumption Across Social Media in 2021. Pew Research Center. Setembro de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/journalism/2021/09/20/news-consumption-across-social-media-in-2021/ > Acesso em 15 de outubro de 2021.

[82] No original: "When we realized big tobacco was hiding the harms caused, the government took action. When we figure out cars were safer with seatbelts, the government took action. And when our government learned opioids were taking lives, the government took action. I implore you to do the same here. Today Facebook shapes our perception of the world by choosing the information we see, even those who don't use facebook are impacted by the majority who do. A company which such frightening influence over so many people, over they deepest thoughts, feelings, behaviors, needs a real oversight". Para ver o depoimento de Frances Haugen no Senado: https://www.youtube.com/watch?v=GOnpVQnv5Cw

Essa foi um trecho da fala de Frances Haugen, uma ex-funcionária na abertura de seu depoimento no congresso, em uma audiência intitulada “Protegendo Crianças Online.” O fato de uma ex-funcionária do Facebook, empresa que é proprietária de diversas redes sociais, realizar denúncias anônimas e, após se identificar[83], depor no Senado dos Estados Unidos da América, pedindo para que as leis em relação a controle, privacidade, inteligências artificiais, banco de dados etc. fossem revistas, é um dado histórico que detêm causalidade com diversas das novas questões sociais abordadas.

3.2.1 Redes sociais, *internet* e a lógica do mercado

Como demonstrado no capítulo 1, o início da era global, o mercado financeiro, as diversas contradições e paradoxos, as novas questões sociais, são criados, desenvolvidos e se transformam a partir de uma lógica inerente à visão de mundo da modernidade.

Segundo Rosa (2019), o modo de vida acelerado, decorrente aceleração do modo de produção capialisa, não pode voltar para trás, não pode desacelerar, sem colapsar totalmente. A partir dessa perspectiva, as redes sociais, que participam da dinâmica da globalização, lucram com propagandas, contratos com empresas, exposições de astros do cinema, do futebol, do mundo da moda etc.

As redes sociais precisam conciliar o público alvo em questão, que é grande e variado, e sua capacidade de incitar o consumo, desejo e novas tendências. A questão fica ainda mais complexa quando se tem uma inteligência artificial que reúne, através de um banco de dados, especificidades sobre os usuários e suas preferências, comandando quais postagens, propagandas, reações, sentimentos, irão atingir cada pessoa.

O algorimo pretende atingir o máximo de pessoas possível no melhor custo benefício, impulsionando para que produtos, tendências, assuntos, engajamentos, se formem com a determinação, ou pelo menos influência, da inteligência artificial e do banco de dados.

---

[83] A manifestação pública de Frances Haugen ocorreu através de sua entrevista no programa *60 Minutes*, tradicional no ramo de investigações jornalísticas. Ver PELLEY, Scott. Whistleblower: Facebook is misleading the public on progress against hate speech, violence, misinformation. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.cbsnews.com/news/facebook-whistleblower-frances-haugen-misinformation-public-60-minutes-2021-10-03/ > Acesso em 15 de outubro de 2021.

Além destas problemáticas, o debate sobre liberdade de expressão e a possibilidade de manifestações homofóbicas, xenófobas, racistas, sexistas, que incitam violência física e mental, práticas relacionadas ao bullying e cyberbullying, apologia ao suicídio, ansiedade, depressão, bulimia, anorexia, ainda pertencem ao universo digital.

O caos que abriga o funcionamento de internet, criando um ambiente anárquico, é o mesmo que possibilita uma alta margem de lucro e oportunidades, proporcionando rapidamente a entrada e saída de diversos indivíduos, grupos, empresas, negócios, que por sua vez precisam "entrar no jogo", participando da publicidade, do impulsionamento de suas publicações pelo algoritmo, para conseguirem se manter no mercado global competitivo.

Em 2021, uma empresa de *software*, Xsolla, filial russa de uma empresa de *software* e serviços interativos com sede em Los Angeles, demitiu 150 de 450 de seus funcionários, e fez essa reestruturação a partir da determinação de um algoritmo que media a eficiência do trabalho. Já em 2019 a Amazon, uma das empresas mais valorizadas do mundo, pôs em prática a demissão e contratação de funcionários a partir de armazenamento de dados e algoritmos que mediam a capacidade e necessidade de cada trabalhador da empresa. [84]

São esses algoritmos que, programados e utilizados de maneiras variadas, adentram a lógica dos mercados digitais e reestruturam, de forma autoritária, a vida dos consumidores e trabalhadores. Estão presentes nas redes sociais, nos bancos de dados das empresas, nas reestruturações orçamentarias, nas criações de publicidade, na vida como um todo.

3.2.2 Os malefícios reconhecidos

As provas apresentadas por Frances Haugen ao Wall Street Journal[85], demonstrando que o Facebook, ao realizar pesquisas internas, tirando dados conclusivos sobre seu impacto na sociedade civil, sobretudo em crianças e jovens, coloca uma novo olhar sobre quais os fatos conhecidos atualmente a respeito do impacto negativo das redes sociais e as possíveis soluções pelas respectivas empresas.

---

[84] Ver ECHARRI, Miquel. 150 demissões em um segundo: os algoritmos que decidem quem deve ser mandado embora. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/150-demissoes-em-um-segundo-assim-funcionam-os-algoritmos-que-decidem-quem-deve-ser-mandado-embora.html > Acesso em 15 de outubro de 2021.

[85] https://www.wsj.com/articles/the-facebook-files-11631713039?mod=article_inline

É público o fato de que as pesquisas e dados internos do Facebook, concluem que a disseminação de propaganda atinge crianças e jovens em larga escala, que as postagens que envolvem sentimentos negativos como raiva, agressividade, mantêm os usuários mais conectados e engajados, que o impulsionamento de *fake news* é possível de ocorrer nesse formato, além de que uma grande quantidade de crianças abaixo dos 13 anos de idade acessam as redes sociais da empresa.[86]

Mesmo com tais conclusões, a empresa manteve a postura de continuar com essa política, entendendo que os malefícios não seriam prejudiciais a ponto de reduzir a capacidade das crianças, culminando em uma diminuição do lucro.[87]

O Instagram, que também é comandado pelo Facebook, é uma rede social focada em fotos e imagens. É utilizado amplamente pelos jovens e, através dos relatórios delatados por Haugen, fica público e explícito o fato de que as pesquisas da empresa apontavam para o fato de que adolescentes, sobretudo mulheres, eram impulsionadas a terem distorções do próprio corpo, desenvolverem ansiedade e depressão, além de tendências suicidas. Por exemplo, 32% das garotas afirmam que, quando se sentem mal com seu corpo, o Instagram faz com que se sintam pior. [88]

Ainda segundo as pesquisas realizadas internamente, crianças e jovens declararam que se sentiam mal utilizando o Instagram, mas não conseguiam parar por medo da exclusão social e do esquecimento. [89]

---

[86] Em uma das pesquisas, 13% das adolescentes tem seu uso do Instagram correlacionado diretamente com pensamentos suicidas e desenvolvimento de anorexia. Ver SEIDEDOS, Iker. A informante que levou o Facebook à sua pior crise existencial. El País. Washington. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/a-informante-que-levou-o-facebook-a-sua-pior-crise-existencial.html > Acesso em 15 de outubro de 2021.

[87] Ver TWENGE, Jean. Facebook's own internal documents offer a bluerprint for making social media safer for teens. The conversation. Outubro de 2021. Disponível em: < https://theconversation.com/facebooks-own-internal-documents-offer-a-blueprint-for-making-social-media-safer-for-teens-169080 > Acesso em 15 de outubro de 2021.

[88] Ver COLOMÉ, Jordi P. Facebook admite em documentos internos que o Instagram é tóxico para muitas adolescentes. El País. Setembro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-09-15/facebook-admite-em-documentos-internos-que-o-instagram-e-toxico-para-muitas-adolescentes.html > Acesso em 15 de outubro de 2021.

[89] "Sentem-se viciadas e sabem que o que veem é ruim para a sua saúde mental, mas se sentem incapazes de parar", frase dita por um dos pesquisadores do Instagram nos documentos em questão. Cf. nota 74.

Segundo os relatórios divulgados, o Facebook sabia que publicações com discurso de ódio, incitando raiva, promovendo violência gráfica, disseminando notícias falsas, organizando movimentos antidemocráticos, poderiam circular livremente na rede social e serem compartilhados, ainda sendo algumas vezes impulsionado

Toda essa gama de problemáticas remete aos paradoxos da modernidade e a confiança no amanhã. As transformações da nova geração, hiperindividualizada e insegura, com diversos problemas psicológicos crescentes em ampla escala (TWENGE, 2018, 2021.), as problemáticas do acesso precoce à internet e aos assuntos que são disseminados de forma irresponsável e caótica (SPITZER, 2015) e a sensação de não pertencimento ao mundo. (ROSA, 2019)

Essa dinâmica está intimamente ligada à administração de riscos (BECK, 2011) que faz com que seja aceitável, na visão de uma grande corporação, como o Facebook, uma parcela de jovens sofrerem com diversos problemas psicológicos a partir de sua política de compartilhamento de dados e informações, já que o número não é relativamente alto para que a preocupação reverta o processo, deixando em segundo plano o lucro da empresa. [90]

3.2.3 Reféns da comunicação

> MEFISTÓFOLES
> Tornamos aos confins do vosso entendimento, lá onde a vós, mortais, o juízo se alucina. Por que é que entraste em comunhão conosco, se és incapaz de sustentá-la? Almejas voar e não te sentes livre da vertigem? Pois fomos nós que a ti nos impusemos, ou foste tu que te impuseste a nós? (GOETHE, 2020, p. 493.)

Quando se fala nos prazeres hedonistas causados pela ampla variedade de possibilidades expostas através das redes sociais, muitas vezes o debate se reduz à liberdade de expressão e liberdade individual como um todo.

As grandes corporações que comandam as redes sociais, conhecendo seu impacto negativo, em âmbito privado e público, mas mantendo suas informações sigilosas, se manifestando publicamente de maneira contraditória com relação aos seus atos e

[90] Para mais informações sobre o impacto negativo do Facebook no bem-estar de jovens adultos ver Kross, Ethan. Et al. Facebook Use Predicts Declines In Subjective Well-Being In Young Adults. Plos One. Agosto de 2013. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0069841

continuamente determinando que a normalidade seja desordenada, as condições acabam por ir além da liberdade individual.

Partindo do pressuposto de que as políticas corporativas oportunizam que crianças com menos de 12 anos (o que não é permitido pela rede social) tenham acesso ao conteúdo que é compartilhado no Facebook e Instagram, assim como outras redes sociais. Além de que os danos previstos para crianças a partir de 13 anos (que já podem acessar) vão desde a deformação da imagem corporal, até impulsionar tendências suicidas (TWENGE, et al. 2017), é fato consumado que não foi uma escolha consciente das crianças, jovens e até mesmo adultos, se inserirem em um ambiente deliberadamente tóxico.

No Reino Unido, por exemplo, um quarto das garotas de 15 anos passam mais de cinco horas diárias nas redes sociais, sendo que 38% dessas garotas são diagnosticadas clinicamente com depressão. Em comparação com aquelas que utilizam as redes sociais uma hora ou menos diariamente, entre as quais apenas 15% são depressivas. [91]

Tema explorado por Twenge (2017, 2018, 2021) e Spitzer (2015), crianças e jovens estão adentrando o mundo digital muito cedo e com muita intensidade. O cérebro humano, a psique humana, o corpo humano e as relações sociais em si, de entendimento de si e do entorno (ROSA, 2019), não estão suficientemente estruturadas para que seja possível uma alta quantidade de informações, contatos e possibilidades, concomitante com a capacidade de análise e compreensão.

A idade mínima atualmente para que se possa ter uma rede social é de 13 anos, o que levanta a problemática de que garotos e garotas, passando pela puberdade, lidando com bullying, dentre outras questões, possam navegar no anonimato e se manifestar de outras formas que não são natural e socialmente conhecidas. Além disso, o controle para que crianças e jovens com menos de 13 anos possam acessar as redes é facilmente contornado, apenas mentindo a idade no momento do cadastro. [92]

Torna-se dramática a conjuntura quando, em uma das pesquisas internas do Facebook, com mais de cinquenta mil (50,000) participantes, chega-se à conclusão de que metade das

---

[91] Cf. Nota 73
[92] Cf. nota 73

adolescentes mulheres comparam sua aparência com as outras no Instagram. O que é algo muito mais comum entre 13 e 18 anos de idade do que em mulheres jovens adultas. [93]

Crianças e jovens se encontram reféns da comunicação, entram demasiadamente cedo na dinâmica do mundo digital, sofrem influência social, cultural, política e econômica das redes sociais mesmo quando não as utilizam, além de terem que lidar com problemas psicológicos que surgem e se agravam a partir do momento em que se consome, informa, comunica, identifica, através ou a partir das redes sociais e da internet.[94]

3.2.4 De sujeitos a objetos.

Como dito em 2.6.1, atualmente os indivíduos sofrem consequências da inversão dos valores idealizados pelo iluminismo. O "Homem invertido", faz com que as pessoas sejam vistas como meios para finalidades particulares.

Dito de outra maneira, as possibilidades de lucro de grandes corporações do mundo digital, com danos aos seus usuários explícitos e catalogados, possibilidades de redução dos impactos negativos, são mantidas em detrimento de uma tomada de atitude que priorize a liberdade de expressão e escolha das postagens que as pessoas desejam ver, compartilhar, responder. De uma orientação que não fortaleça a publicidade sobre padronização de corpos para crianças e adolescentes. Não incentive o vício nas redes sociais e a manutenção de *clicks* através de postagens de cunho ofensivo e violento.

O cotidiano, o particular, o privado, não importa. As características que fazem com que cada ser humano seja diferente um do outro, são padronizadas de forma astronômica por impulsionamento de publicidades e propagandas, tendências que, ao fim e ao cabo, movimentam o capital virtualmente.

---

93 https://s.wsj.net/public/resources/documents/appearance-based-social-comparison-on-instagram.pdf

94 Para mais informações sobre o sono e o uso de aparelhos eletrônicos por adolescentes ver HYSING, Mari, et al. Sleep and use of eletronic devices in adolescence: results from a large population-based study.
Para mais informações sobre pressão sanguínea e o tempo gasto na internet por adolescentes ver BUSHROW-CASSIDY, et al. Time Spent on the Internet and Adolescent Blood Pressure. The Journal of School Nursing, 2014; 31 (5): 374 DOI: 10.1177/1059840514556772

72% dos jovens de 13 a 17 anos nos EUA utilizavam o Instagram em 2018[95], aproximadamente metade utilizava o Facebook[96], sendo que os jovens de classes mais baixas tendem a utilizar mais o Facebook do que os jovens das classes mais altas.[97] Cerca de três em cada dez estadunidenses sabiam, em 2019, que o Instagram e o WhatsApp pertenciam ao Facebook,[98] e cerca de três quartos dos usuários do Facebook desconheciam que os sites vendem suas características e preferências para anunciantes de produtos[99].

Esse conjunto de informações, demonstrando que a maioria dos jovens e adultos utiliza as redes sociais para entretenimento, comunicação, consumo, além de fonte primária de informação[100] evidencia que o maior acesso às redes sociais, ao contrário de proporcionar maior igualdade de condições, oportunidades, cria um abismo entre classes que, na medida em que utiliza mais a internet e as redes sociais, se distância de maneiras organizadas de obter conhecimento[101] e ascender socialmente.

O desconhecimento de que os dados dos usuários são vendidos para empresas, e as recentes publicações dos estudos internos do Facebook em relação aos malefícios causados pela desinformação, revelm uma lógica inerente do processo.

Em um primeiro momento, os jovens são introduzidos ao uso das redes sociais e da internet após isso, são transformados em meio de lucro por um esquema complexo de compra e venda de dados, impulsionamento de publicidades e formas de comportamento, que mesmo reconhecendo os malefícios causados na saúde mental e corpórea de jovens e adultos, sobretudo adolescentes mulheres, ainda existe uma resistência em relação às mudanças de organização nas grandes empresas.

---

95 Ver SCHAEFFER, Katherine. 7 facts about Americans and Instagram. Pew Research Center. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/10/07/7-facts-about-americans-and-instagram/ > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

96 Ver GRAMLICH, John. 10 facts about Americans and Facebook. Pew Research Center. Junho de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/06/01/facts-about-americans-and-facebook/?utm_content=buffer291ee&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

97 Cf. nota 80

98 Cf. nota 79

99 Cf. nota 80

100 Cerca de 30% dos estadunidenses se informam regularmente através do Facebook . Cf. nota 67.

101 Ver SPARROW, Besty, et al. Google effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips. Science 333, 776 (2011); DOI: 10.1126/science.1207745

3.2.5 Introdução ao vício

Crianças e adolescentes são introduzidas ao vício nas redes sociais sem terem possibilidade de escolha consciente do que fazer ou não fazer. Segundo os relatórios vazados por Haugen, o Facebook sabia que pais e responsáveis não estão aptos para aconselharem, orientarem e ajudarem seus filhos e filhas no uso saudável de redes sociais, já que há uma grande distorção geracional no modo, intensidade e impacto do uso.[102]

Como dito por Manfred Spitzer (2015), o uso das redes sociais está diretamente ligado à noção de vício sem substância e com substância na medicina. A quantidade de dopamina liberada a partir das interações *online*, com curtidas e reações, compartilhamentos e comentários, faz com que a necessidade de continuar usando e experimentando esses sentimentos aumente.

A vulnerabilidade do próprio processo de crescimento da criança e do adolescente, que está em de formação física e mental, faz com que as pressões sociais que existem dentro das redes sociais sejam catapultadas para dentro de seu imaginário.

Corroborando essa análise, a própria pesquisa interna do Facebook contém materiais que provam que os jovens, apesar de se sentirem mal, não conseguem parar de usar o Instagram. Além dass postagens de cunho emocional negativo, agressivo, gerarem mais engajamento no Facebook.

Pela perspectiva de Spitzer (ibidem), o desenvolvimento do vício em redes sociais, reduzindo as interações humanas reais, faz com que outras patologias se desenvolvam a partir daí, já que estão correlacionadas. Insônia, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, irritabilidade, agressividade, obesidade, anorexia, bulimia, são alguns das diversas doenças que podem ser impulsionadas através do vício inicial das redes sociais.

Levando em consideração a análise de Twenge (2018), a mudança drástica na quantidade de doenças psicológicas enfrentadas pelos jovens da geração *Eu* e sua relação com o uso dos *smartphones* é precisa pelo motivo de que, pela primeira vez na história, diariamente as relações sociais estão sendo mediadas por uma tecnologia que coloca amplas possibilidades para o indivíduo.

---

[102] Ver TWNGE, Jean. The Facebook Expose: Four Things Parents Need to Know. Institute for Family Studies. Outubro de 2021. Disponível em: < https://ifstudies.org/blog/the-facebook-expose-four-things-parents-need-to-know > Acesso em 15 de outubro de 2021.

Tanto Spitzer (2015) como Twenge (2018), concordam que a diminuição das interações sociais ao vivo é um fator de risco para que doenças psicológicas se desenvolvam, o uso dos *smartphones*, *internet* e redes sociais, fazem com que essa interação diminua, e que as novas oportunidades surjam a partir do próprio mundo digital.

As evidências que demonstram o direcionamento e introdução de crianças e adolescentes nas redes sociais, causando alienações (ROSA, 2019), ver 2.3.1, faz com que uma pressão social surja em torno do uso dos *smartphones* e redes sociais.[103]

Os jovens passam a ter suas relações sociais permeadas inteiramente pelas redes sociais e algoritmos. Não somente no compartilhamento de conteúdo, mas na visão sobre o corpo, vestimenta, pensamento, postura, interesses culturais, manifestações políticas, determinações econômicas a juventude cunha sua identidade (1.3.1) e desenvolve o conceito de alteridade, entendendo quem é e quem o outro é.

3.2.6 Conteúdos impróprios

As novas possibilidades de comunicação, expressão, manifestações culturais, aprendizagem, negócios etc. acabam por se tornarem ilusórias no meio do algoritmo que determina o que é ou não é visto pelo usuário.

Como alertado por Spitzer (2015), a quantidade de conteúdo impróprio, como pornografia, violência gráfica, incitação ao uso de drogas, distorção corporal, que chega até crianças e adolescentes, é uma variável importante a ser ponderada na dinâmica da *internet* e das redes sociais.

Conteúdos que podem gerar hábitos viciosos e que são postos para uma faixa etária como maneira de expandir o lucro, potencializam que as novas gerações sejam formadas por uma grande quantidade de indivíduos com diversas patologias, sem contato social frequente e que tem dificuldade de se desenvolver em algumas questões, já que o tempo que seria necessário

---

[103] Em comparações geracionais a partir do QI, evidências demonstram que o uso da tecnologia, que proporcionou diversas possibilidades de ação, conforto e desenvolvimento no século XX, passa a prejudicar em larga escala as novas gerações do século XXI. Ver NEVES, Ernesto e SAAD, Caio. Pesquisas mostram que a inteligência do ser humano está regredindo. Brasil. Outubro de 2021. Disponível em: < https://veja.abril.com.br/ciencia/pesquisas-mostram-que-a-inteligencia-do-ser-humano-esta-regredindo/ > Acesso em 07 de outubro de 2021.

na infância e na adolescência, foi gastos em jogos *online*, redes sociais, consumindo propagandas e demais formas de entretenimento guiado pelo mercado.

3.2.7 Internet e diversidade

O mesmo movimento que faz com que a geração *Eu* seja mais plural em seu pensamento (TWENGE, 2018), aceitando a diversidade em relação à orientação sexual, gênero, religiosidade, assim como tendem a se manifestar em favor de minorias sociais no geral, é o que gera todos os outros malefícios.

As alienações (ROSA, 2019) causadas pela forma acelerada de se situar no mundo transformam toda a dinâmica de manifestações e da própria aceitação das pessoas com relação a alguns temas. Inclusive auxiliando para que uma das determinações dessa nova geração, seja passagem mais lenta para a vida adulta (TWENGE, 2018), um exemplo elucidativo de enrijecimento causado pela aceleração. (ROSA, 2019)

Cada vez mais crianças e jovens constroem sua personalidade própria e se colocam diante do mundo tendo que lidar com hábitos viciosos que estão presentes em sua vida a todo instante.

Como resultado, Spitzer (2015) pontua que a quantidade de problemas desenvolvidos e que não podem ser lidados posteriormente, tem uma grande responsabilidade em proporcionar que outros surjam. Jovens que têm que lidar com vício em jogos, que passam a maior parte de seus dias nas redes sociais, que são sedentários, que se alimentam através de *fast-foods*, juntam todas essas variáveis e geram outras, como insônia, irritabilidade, deficit de atenção, hiperatividade, ansiedade etc.

Os hábitos preocupantes e viciosos que são induzidos em crianças e adolescentes, ainda têm uma variável que aumenta a complexidade dessa questão social. O uso das redes sociais e da internet, principalmente através dos *smartphones*, continua aumentando nos países menos desenvolvidos. [104]

---

[104] Ver PUSHTER, Jacob, BISHOP, Caldwell e CHWE, HANYU. Social Media Use Continues to Rise in Developing Countries but Plateaus Across Developed Ones. Pew Research Center. Junho de 2018. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/global/2018/06/19/social-media-use-continues-to-rise-in-developing-countries-but-plateaus-across-developed-ones/#table > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

A problemática não é sobre o acesso estar sendo maior, mas sobre, como já dito, por exemplo, pesquisas relevarem que jovens e crianças mais pobres têm maior tendência para passarem mais tempo nas redes sociais, o que se soma à problemática das tecnológias dentro das escolas (ver 2.7.3) que já enfrentam crises estruturais por si só, precarizando ainda mais o ensino das classes baixas no terceiro mundo.

Em diversos países emergentes, as informações falsas e o impacto negativo são majoritários na visão das pessoas sobre o uso da internet e suas consequências. Manipulação política, notícias incorretas, fazem parte da mesma dinâmica que proporciona novos pensamentos para as pessoas do mundo que estão cada vez mais conectadas. [105]

Problemáticas estruturais, crises políticas, doenças mentais, racismo, xenofobia, homofobia, machismo, são impulsionados pelos algoritmos e passam a estar presentes e dificultar os desafios que se encontram no terceiro mundo e nos cidadãos do terceiro mundo.

3.2.8 Outra política

Em *Como as Democracias Morrem*, Steven Levitsky (2018) discorre sobre a presença dos *outsiders* na esfera política e como os discursos de ódio e flertes com o autoritarismo podem acabar destruindo os aparatos democráticos, de freios e contrapesos, separação dos poderes, liberdade de expressão, dentre outros fatores.

O surgimento dos *outsiders* e a nova configuração política que está se estruturando através do populismo, com discursos xenofóbicos, racistas, sexistas, nacionalistas, violentos, também se alimenta da desordem consciente das redes sociais.

Disseminação de notícias falsas, grupos que são envolvidos com partidos políticos e bancadas políticas e articulam-se em sites de notícias "independentes". Perfis em redes sociais, com grupos que disparam mensagens e organizam atos, proporcionam que o debate político seja restrito à capacidade de guiar, alienar e determinar posicionamentos violentos dos cidadãos.

É um contraste à tendência múltipla e plural da nova geração com as manifesações populistas que surgem e se organizam com auxílio da internet e das redes sociais. Contudo,

---

[105] Ver SILVER, Laura. Misinformation and fears about its impact are pervasive in 11 emerging economies. Pew Research Center. Maio de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/05/13/misinformation-and-fears-about-its-impact-are-pervasive-in-11-emerging-economies/ > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

mesmo não sendo o público alvo determinante, o debate político e sua construção no imaginário da juventude também é afetado.

A circulação de propagandas, o excesso de imagens e ideias sem desenvolvimento, o bombardeamento de informações, causa, além da sensação de não pertencimento, de não contemporaneidade do contemporâneo (ROSA, 2019), um sentimento de que não é possível se organizar em grupo, sendo a única possibilidade a organização individual.

Fato é que existem possibilidades de mudança, de configurações que impeçam as notícias falsas, conteúdos violentos, discursos de ódio, de serem disseminados. Exemplo concreto é que o *Youtube*, uma das plataformas mais utilizadas do mundo, ao tornar sua política de informações falsas mais rigorosas, afetou não só o conteúdo dentro da própria plataforma, mas também do Twitter e do Facebook.[106]

Mecanismos que utilizem os algoritmos de formas mais conscientes e responsáveis podem ser utilizados, impaca todas as redes sociais no mundo digital e podem impactar positivamente nas novas questões sociais do capitalismo contemporâneo. As grandes corporações e sua ambição pelo lucro precisam paricipar do dabae e arcar com as responsabilidades devidas para que novos modos de regulamenação possam surgir.

3.2.9 Responsabilidades pelos riscos.

> O indivíduo se tornou mais consciente do que nunca de sua dependência da sociedade. Ele, contudo, não experimenta essa dependência como um valor positivo, como uma ligação orgânica, como uma força protetora, mas sim como uma ameaça aos seus direitos naturais, ou mesmo sua existência econômica.[107] (EINSTEIN, 1949)

---

[106] Ver ALBA, Davey. Youtube's stronger election misinformation policies had a spillover effect on Twitter and Facebook, researchers say. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2021/10/14/technology/distortions-youtube-policies.html > Acesso em 22 de outubro de 2022.

[107] "The individual has become more conscious than ever of his dependence upon society. But he does not experience this dependence as a positive asset, as an organic tie, as a protective force, but rather as a threat to his natural rights, or even to his economic existence." Ver EINSTEIN, Albert. Why Socialism. Monthly Review. 1949. Reprise 2009. Disponível em: < https://monthlyreview.org/2009/05/01/why-

Diante de todos os problemas levantados, a causa ainda parece estar determinada pela responsabilidade das empresas em assumirem a sua capacidade de moldarem a vida das pessoas através das informações que disseminam e o modo como escolhem, deliberadamente, afetar crianças e adolescentes e seu desenvolvimento, biológico, psicológico, cívico, educacional, profissional.

As anotações do Facebook em seus relatórios, demonstram que não se importam e não querem reverter o impacto negativo que tiveram na juventude. Um bom exemplo é a correção que buscaram fazer de uma reportagem do New York Times, que tinha o título "adolescentes que lidam com problemas de saúde mental dizem que o Instagram piora a situação". O Facebook disse que o título era impreciso, sugerindo que fosse "adolescentes que tem menos satisfação com a vida são mais propensos a dizer que o Instagram piora sua saúde mental ou a maneira como se sentem sobre si mesmos do que aqueles que estão satisfeitos com a sua vida".[108] Fato já demonstrado, através de diversas pesquisas, que não corresponde com a realidade e que deixa evidente a intenção de se isentar da culpa.

Em evidente demonstração de como minimizar responsabilidades, a causa parece vir do mundo externo, da insatisfação da vida, como se as redes sociais, a internet e as grandes corporações não participassem dessa dinâmica, inclusive desenvolvendo e alimentando o processo tecnológico de maximização do lucro e a transformação de indivíduos em mercadorias.

Dado que as diversas empresas, que hoje em quase sua totalidade, estão envoltas no universo digital, e além de afetarem a si próprias com seus algoritmos e mecanismos de prevenção e/ou (já que muitas vezes os algoritmos funcionam de forma paradoxal) incentivo à notícias falsas, propagandas, postagens dos usuários, afetam o próprio mundo concreto, das instituições políticas, educacionais, da saúde, da segurança etc.

---

socialism/ > acesso em 07 de outubro de 2021. Artigo traduzido disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm >

[108] "Facebook annotated the reports, appearing to downplay the results. Next to one slide in the research that said "teens who struggle with mental health say Instagram makes it worse," the company added that the headline was imprecise. Instead, it wrote, "The headline should be clarified to be: 'Teens who have lower life satisfaction more likely to say Instagram makes their mental health or the way they feel about themselves worse than teens who are satisfied with their lives.' Ver ISAAC, M., FRENKEL, S. and MAC, R. Facebook Struggles to Quell Uproar Over Instagram's Effect On Teens. New York. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2021/10/01/technology/facebook-instagram-teenagers.html?smid=tw-share > Acesso em 07 de outubro de 2021.

É nítido como a revolução tecnológica da eletrônica (RIBEIRO, 2000), a aceleração tecnológica (ROSA, 2019), as mudanças geracionais (TWENGE, 2018) e uma sociedade que lida com cada vez mais patologias (SPITZER, 2015), tem uma relação intrínseca com as mudanças ocorridas a partir da década de 80 (ver capítulo 1) e que, a partir disso, novas questões sociais surgem, necessitando de maneiras de contrapor os malefícios que afetam a população como um todo mas proporcionam lucro para grandes empresas.

CONCLUSÃO

Retomando brevemente o percurso teórico da monografia e os possíveis caminhos, percebemos que o capitalismo industrial e nacional que vigorava no século XX transforma-se em um capitalismo financeirizado em decorrência da revolução tecnológica a partir de 1980 e das mudanças na conjuntura política, social, econômicas e ideológicas. Globalizam o mundo e virtualizam as informações e ações possíveis de todos, de forma nunca antes vista na história da humanidade, gerando assim um novo paradigma, um capitalismo contemporâneo que, em diferentes correntes intelectuais, tem diferentes denominações, mas que foi compreendido aqui enquanto uma mudança substancial mesmo carregando em seu cerne uma dinâmica semelhante.

Esse capitalismo contemporâneo, fazendo parte da modernidade, se torna o resultado de um trajeto filosófico, tecnológico, político, econômico, cultural, e ideológico. O resultado é contraditório em si próprio, tendo que gerar crise para que sua estrutura funcione da maneira como é organizada para tal, consolidando paradoxos em diversos aspectos.

O fato de que o capitalismo contemporâneo se estabiliza dinamicamente (ROSA, 2019), e de que a aceleração tecnológica tem efeito radical no *ethos* dos indivíduos em sociedade, faz com que a primeira geração que nasce e cresce utilizando as telas e novas mídias diariamente tenha uma postura que diverge das gerações passadas em muitos aspectos (TWENGE, 2018).

> A diferenciação em si ocorreu em diversas gerações, mas a diferença em um primeiro momento é de grau e quantidade das anteriores, demonstrando a consequência geracional das recentes mudanças da década de 80 até os dias atuais. Algumas dessas mudanças estão ocorrendo pela pressão social determinada através do uso dos *smartphones* e demais aparelhos tecnológicos conectados à *internet*.

O índice de patologias (SPITZER, 2015) que tem ligação direta com a tecnologia e o aumento da incidência dessas em diversas pessoas, acende um alerta sobre as possíveis problemáticas futuras que, não obstante as atuais, os diversos setores da sociedade terão que aprender a lidar e confrontar.

Dessa perspectiva surge a necessidade da tentativa de uma análise interdisciplinar, que possibilite uma visão ampla das esferas da vida cotidiana e da noção do ser humano como ser biopsicossocial. Em outros termos, os diversos estímulos e as diferentes respostas de cada pessoa perpassam por várias áreas do conhecimento.

Nesse caso, as mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais, com as revoluções tecnológicas e o impacto na vida dos indivíduos, sobretudo, da juventude denominada geração *Eu*, precisam ser compreendidas através da psicologia, da neurociência e da sociologia, além de diversas outras áreas do conhecimento que não conseguimos abordar, por diversos fatores, dentre eles a própria limitação intelectual, para que se tenha uma análise assertiva sobre as novas questões sociais oriundas do capitalismo contemporâneo e da aceleração social.

Dada a conjuntura de análise e o *corpus* da pesquisa, buscamos através de dados estatísticos, relacionando tanto pesquisas qualitativas quanto pesquisas quantitativas, sobretudo as quantitativas, visualizar como, recentemente (2021), as grandes corporações tecnológicas e o crescente uso das redes sociais e novas mídias estão afetando a juventude, com o intento de contribuir para a maior elucidação sobre o assunto e as causas e consequências em âmbito micro e macro a partir dessas variáveis.

As notícias que se tornam públicas através de jornais, blogs e outros meios de comunicação também foram utilizados como maneira de exemplificar, através de acontecimentos cotidianos, o reflexo dos acontecimentos que a monografia se propôs a dissecar, sempre utilizando como base os pressupostos e indicativos dos três autores chave, mas também buscando diferentes referenciais teóricos para contribuição no debate.

Encerrando o breve resumo e concluindo a reflexão, percebe-se que há um trajeto lógico e uma motivação para que as revoluções tecnológicas surjam e se desenvolvam da maneira específica que foi analisada. As análises tradicionais sobre o capitalismo, as classes sociais, os grupos sociais, são extremamente úteis para compreensão da dinâmica que proporciona que saltos qualitativos aconteçam na história da humanidade, especificamente da civilização ocidental, e como enfrentar as novas questões sociais advindas de cada modelo particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agrotóxico. Instituto Nacional de Câncer. 24 de agosto de 2021. Disponível em: < https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos > Acesso em 05 de outubro de 2021.

ALBA, Davey. Youtube's stronger election misinformation policies had a spillover effect on Twitter and Facebook, researchers say. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2021/10/14/technology/distortions-youtube-policies.html > Acesso em 22 de outubro de 2022.

ANDERSON, G. Oscar. Loneliness Among Older Adults: A National Survey of Adults 45+. Washington, DC: AARP Research, September 2010. https://doi.org/10.26419/res.00064.001. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

ANIC, Laura Calvi. Christian Dunker: "Cada época tem uma visão do que é o sofrimento". Revista Gama. 14 de março de 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/estamos-deprimidos/entrevista-christian-dunker-depressao> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

AUGÉ, M. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012. p. 71-105.

BAHRAMPOUR, Tara. Teens around the world are lonier than a decade ago. The reason may be smartphones. The Washington Post. Washington D.C. 20 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/local/social-issues/teens-loneliness-smart-phones/2021/07/20/cde8c866-e84e-11eb-8950-d73b3e93ff7f_story.html> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

BARROS de, M. Duda. FERRAZ, Ricardo. Armadilha na rede: cresce na internet o golpe da falsa vaga de emprego. Brasil. Outubro de 2021. Disponível em: < https://veja.abril.com.br/brasil/armadilha-na-rede-cresce-na-internet-o-golpe-da-falsa-vaga-de-emprego/ > Acesso em: 07 de outubro de 2021.

BARRUCHO, Luis. Ford: afinal, por que a montadora decidiu encerrar a produção de veículos no Brasil? BBC. Londres. 13 de janeiro de 2021. disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55640907. > acesso em 02 de maio de 2021.

BAUMAN, Zygmunt. A riqueza de poucos beneficia todos nós? 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. 1ª ed. Rio de janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

BENASAYAG, Miguel. SCHMIT, Gerard. L'epoca delle passioni tristi. Saggi Universale Economica Feltrinelli In copertina: Charles Peterson, Audience (particolare), Barcelona 1996. ISBN 978-88-07-81875-2

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, ps. 112 – 121;

BUSHROW-CASSIDY, et al. Time Spent on the Internet and Adolescent Blood Pressure. The Journal of School Nursing, 2014; 31 (5): 374 DOI: 10.1177/1059840514556772

CABANAS, E. e ILLOUZ, E. Happycracia. Bogota, Colombia: Editorial Planeta Colombiana. 2019.

CANZIAN, Fernando. Sem perspectivas, metade dos jovens quer deixar Brasil. Folha de são Paulo. São Paulo. 20 de junho de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/sem-perspectivas-metade-dos-jovens-quer-deixar-brasil.shtml>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

CARRANÇA, Thais. Agrotóxico mais usado do Brasil está associado a 503 mortes infantis por ano, revela estudo. BBC. São Paulo. 25 de maio de 2021. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57209799#:~:text=Al%C3%A9m%20disso%2C%20houve%20dentro%20do,favor%C3%A1veis%20ao%20uso%20dos%20agrot%C3%B3xicos.&text=Somente%20em%202020%2C%20o%20Brasil,compila%20esses%20dados%20desde%202000 > Acesso em: 05 de outubro de 2021.

CARLOS, A.F.A. Definir o lugar? In: CARLOS, A.F.A. O lugar do/no mundo. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. p. 17-20.

CARLOS, A.F.A. A produção do não-lugar. In: CARLOS, A.F.A. O lugar do/no mundo. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. p. 61-73.

CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas / Alice através do espelho. Rio de Janeiro: Editora Fontana. 1977.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 11ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CASTELLS, M. A nova economia: informacionalismo, globalização, funcionamento em rede. In: CASTELLS, M. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura (volume 1). São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 119-208.

CASTRIOTA, R. Urbanização planetária ou revolução urbana: de volta à hipótese da urbanização completa da sociedade. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regional. Recife, v.18, n.03, p. 507-523, set./dez, 2016

COLOMÉ, Jordi P. Facebook admite em documentos internos que o Instagram é tóxico para muitas adolescentes. El País. Setembro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-09-15/facebook-admite-em-documentos-internos-que-o-instagram-e-toxico-para-muitas-adolescentes.html > Acesso em 15 de outubro de 2021.

CUCHE, Danys. A noção de cultura nas ciências sociais / tradução de Viviane Ribeiro. – Bauru: EDUSC, 1999. 260p.; 19cm. – (Verbum). ISBN 85-86259-59-4. Tradução de: La notion de culture dans les sciences sociales.

DIMOCK, Michael. Defining Generations: Where Millennials end and Generation Z begins. Pew Research Center. Janeiro de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/ > Acesso em 22 de outubro de 2021.

DUBAR, Claude. A crise das identidades: A Interpretação de uma Mutação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DURKHEIM, E. Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DURKHEIM, E. O suicídio: estudo sociológico. Lisboa: Presença, 1987

ECHARRI, Miquel. 150 demissões em um segundo: os algoritmos que decidem quem deve ser mandado embora. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/150-demissoes-em-um-segundo-assim-

funcionam-os-algoritmos-que-decidem-quem-deve-ser-mandado-embora.html > Acesso em 15 de outubro de 2021.

EINSTEIN, Albert. Why Socialism. Monthly Review. 1949. Reprise 2009. Disponível em: < https://monthlyreview.org/2009/05/01/why-socialism/ > Artigo traduzido disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/einstein/1949/05/socialismo.htm > acesso em: 07 de outubro de 2021.

ELIAS, N. (2006) *Escritos & ensaios 1 – Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor ("Tecnização e Civilização").

ENGELS, Friederich. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. 1876. Disponível em: < https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm#topp > Acesso em 07 de outubro de 2021.

ESPING-ANDERSEN, GOSTA. As três economias políticas *do Welfare State*. In: *Revista Lua Nova*, n. 24, set., 1991.

FANJUL, C. Sérgio. Consumir procurando uma felicidade que nunca chega, como compramos para construir nossa identidade. El País. Outubro de 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-08/consumir-procurando-uma-felicidade-que-nunca-chega-como-compramos-para-construir-nossa-identidade.html Acesso em: 15 de outubro de 2021.

FANJUL, C. Sérgio. Byung-Chul Han: "O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário". El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html?rel=mas_sumario > Acesso em 20 de outubro de 2021.

GALLINO, L. (2011) Finanzcapitalismo. La civiltà del denero in crisi. Torino: Einaudi ("Che cos'è Il finanzcapitalismo"; "Una civiltà asservita alla finanza dalla politica").

GALLINO, L. (2014), Vite rinviate. Lo scandalo del lavoro precario. Roma: Laterza ("Dalla flessibilità del lavoro alla precarietà della vita").

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto: uma tragédia – Primeira parte. Tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazarri; Ilustrações de Eugène Delacroix – São Paulo; editora 34, 2020 (7ª edição). 552 p.

GOFFMAN, E. (2012) *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC ("Estigma e identidade social; Controle de informação e identidade pessoal").

GOFFMAN, E. (2015) *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, ("As características das instituições totais").

GRAMLICH, John. 10 facts about Americans and Facebook. Pew Research Center. Junho de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/06/01/facts-about-americans-and-facebook/?utm_content=buffer291ee&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

GRIGORI, Pedro. 118 agrotóxicos são aprovados durante a pandemia, liberação é "serviço essencial". Agência Pública/Repórter Brasil.13 de maio de 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/05/96-agrotoxicos-sao-aprovados-durante-a-pandemia-liberacao-e-servico-essencial/?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=whatsapp&utm_source=im >. Acesso em: 01 de outubro de 2021

GRIGORI, Pedro. 20% dos agrotóxicos liberados em 2019 são extremamente tóxicos. Agência Pública/Repórter Brasil. 16 de janeiro de 2020. Disponível em: < https://reporterbrasil.org.br/2020/01/20-agrotoxicos-liberados-em-2019-sao-extremamente-toxicos/ > Acesso em 05 de outubro de 2021.

HAESBAERT, R. O binômio território-rede e seu significado político-cultural. In: HAESBAERT, R. Território alternativos. São Paulo: Contexto, 2002. p. 117-127.

HARBOUR, G. Berna. Caminhamos para novos anos loucos de hedonismo pós-covid 19? El País. 27 de abril de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/cultura/2021-04-27/caminhamos-pros-novos-anos-loucos-de-hedonismo-pos-covid.html > Acesso em 01 de maio de 2021.

HARVEY, D. A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna .In: HARVEY, D. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2009. p. 257-276.

HARVEY, D. A justiça social e os sistemas espaciais. In: HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980. p. 81-100.

HEGEL. G.W.F. Princípios da Filosofia do Direito. 1ª ed. Tradução Orlando Vitorino. - São Paulo : Martins Fontes, 1997.

HYSING, Mari, et al. Sleep and use of eletronic devices in adolescence: results from a large population-based study.

HOBSBAWM, E. J. A era das revoluções. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, E. J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991 — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONNETH. A. (2010) Reconocimiento y menosprecio. Sobre la fundamentación normativa de una teoría social. Buenos Aires: Katz ("Reconocimiento y menosprecio").

HONNETH. A. (2014) Freedom's Right. The Social Foundations of Democratic Life. New York: Columbia University Press ("Introduction", "Part I – Historical Background: to Right to Freedom").

HUGO, Victor. Os miseráveis; tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros /;apresentação de Renato Janine Ribeiro. -1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Compania das Letras, 2017. Título Original: Les Misérables. ISBN 978-85-8285-048-0

HUXLEY, Aldous. A situação humana. 2ª ed. - São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

IANNI, Octavio. A Sociedade Global. 3. Ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.

ISAAC, M., FRENKEL, S. and MAC, R. Facebook Struggles to Quell Uproar Over Instagram's Effect On Teens. New York. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2021/10/01/technology/facebook-instagram-teenagers.html?smid=tw-share > Acesso em: 07 de outubro de 2021.

KANT, Immanuel. Do espaço. In: KANT, I. A crítica da razão pura. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 73-77.

KANT. Immanuel. Resposta à pergunta: "O que é o Iluminismo?". Tradução Artur Morão. 1784

KANT. Immanuel. Fundamentação dos costumes. ISBN: 978-972-44-1439-3 ISBN da 1ª edição: 972-44-0306-8. 2007.

KANT. Immanuel. Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Ed. Bilíngue Alemão/Português. Tradução de Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986

KEITH, Thomas. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

KIRSCHNER, P. A., & De BRUYCKERE, P. (2017). The myths of the digital native and the multitasker. Teaching and Teacher Education, 67, 135-142. https://doi.org/10.1016/j.tate.2017.06.001

KROSS, Ethan. Et al. Facebook Use Predicts Declines In Subjective Well-Being In Young Adults. Plos One. Agosto de 2013. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0069841

LEPP, Andrew, Barkley, E. Jacob, KARPINSKI, C. Aryn. The relationship between cell phone use, academic performance, anxiety, and Satisfaction with Life in college students, Computers in Human Behavior, Volume 31, 2014, Pages 343-350, ISSN 0747-5632. https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.049. Disponível em: < https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563213003993 > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018

LIPIETZ, A. O que é espaço? In: LIPIETZ, A. O capital e seu espaço. São Paulo: Nobel, 1988. pp. 15-31.

LOSURDO. Domenico. Hegel, Marx e a tradição liberal. Liberdade, igualdade, Estado/;- São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LOTT, Diana. Como as lojas físicas deverão se transformar para atrair clientes no pós-pandemia. Folha de São Paulo. São Paulo. 09 de maio de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2021/05/como-as-lojas-fisicas-deverao-se-transformar-para-atrair-clientes-no-pos-pandemia.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

MANNHEIM. Karl. Ideologia e Utopia. Zahar Editores. 1968.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar ("Introdução: A paralisia da crítica. Sociedade sem oposição"; "A Sociedade unidimensional"). 1982

MARSHALL, T. H. Cidadania e Classe Social. In: *Cidadania, classe social e status.* Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. 3ª edição, São Paulo, Global, 1988.

MARX, Karl. O Dezoito Brumário e Cartas a Kugelmann. 5ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

MAZZO , Aline. Para 89% dos pais, pandemia faz com que filhos passem mais tempo na TV, no celular e no videogame. Folha de São Paulo. São Paulo. 10 de junho de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/06/para-89-dos-pais-pandemia-faz-com-que-filhos-passem-mais-tempo-na-tv-no-celular-e-no-videogame.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

MELLO, Daniel. Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. Agência Brasil. São Paulo. 10 de outubro de 2016. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam# > Acesso em 01 de outubro de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Fundação Oswaldo Cruz. 2011.

NEVES, Ernesto e SAAD, Caio. Pesquisas mostram que a inteligência do ser humano está regredindo. Brasil. Outubro de 2021. Disponível em: < https://veja.abril.com.br/ciencia/pesquisas-mostram-que-a-inteligencia-do-ser-humano-esta-regredindo/ > Acesso em: 07 de outubro de 2021.

PAIS, J. M. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PELLEY, Scott. Whistleblower: Facebook is misleading the public on progress against hate speech, violence, misinformation. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.cbsnews.com/news/facebook-whistleblower-frances-haugen-misinformation-public-60-minutes-2021-10-03/ > Acesso em 15 de outubro de 2021.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens de nossa época. 2. ed. – rio de janeiro. Compus, 2000, p. 15-159.

PRENSKY. Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press. Vol. 9 No, 5, October 2001.

PUSHTER, Jacob, BISHOP, Caldwell e CHWE, HANYU. Social Media Use Continues to Rise in Developing Countries but Plateaus Across Developed Ones. Pew Research Center. Junho de 2018. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/global/2018/06/19/social-media-use-continues-to-rise-in-developing-countries-but-plateaus-across-developed-ones/#table > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 32ª ed. Rio, Record. 1978.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras ; Publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento Brasileiro).

Richards R, McGee R, Williams SM, Welch D, Hancox RJ. Adolescent Screen Time and Attachment to Parents and Peers. Arch Pediatr Adolesc Med. 2010;164(3):258–262. doi:10.1001/archpediatrics.2009.280. Disponível em: < https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/382905 > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

ROGERS, Paul. The Surpresing Effects of Loneliness on Healt. The New York Times. New York. Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/11/well/mind/how-loneliness-affects-our-health.html?_r=0> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

ROSA, Hartmut. Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora UNESP; 2019.

ROSSO, Nicolò F. O êxodo da América Latina: quando o destino é migrar. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2021/10/10/album/1633872040_203371.html#foto_gal_1 > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

SANTOS, M. O espaço geográfico, um híbrido. In: SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008. p. 89-110.

SANTOS, M. As técnicas, o tempo e o espaço geográfico. In: SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008. p. 29-59.

SANTOS, M. Do meio natural ao meio técnico-científico informacional: SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008. p. 233-259.

SAVIANI, D. As teorias da educação e o problema da américa Latina. Cad. Pesq. São Paulo (42): 8-18, Agosto. 1982.

SCHAEFFER, Katherine. 7 facts about Americans and Instagram. Pew Research Center. Outubro de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2021/10/07/7-facts-about-americans-and-instagram/ > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

SCHWARCZ, Lillia. Sobre o autoritarismo brasileiro. Capítulo 5: Desigualdade social. Editora Schwarcz. São Paulo. 2019

SEIDEDOS, Iker. A informante que levou o Facebook à sua pior crise existencial. El País. Washington. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/a-informante-que-levou-o-facebook-a-sua-pior-crise-existencial.html > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

SETZER, Valdemar W. *Liberdade, Igualdade Fraternidade: passado, presente, futuro.* 2013. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/liberdade-igualdade-fraternidade.html Acesso em: 28 de agosto de 2020.

SIMMEL, Georg. Simmel e a Modernidade/ Georg Simmel, Jessé Souza e Berthold Öelze (org.); tradução de Jessé Souza ... [et al.] – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 274p.

SIGMUNT, Freud. Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

SIGMUNT, Freud. O mal-estar na civilização. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

SILVER, Laura. AARON, Smith. In some Countries, many use the internet without realizing it. Pew Research Center. Maio de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/05/02/in-some-countries-many-use-the-internet-without-realizing-it/> Acesso em 15 de outubro de 2021.

SILVER, Laura. Misinformation and fears about its impact are pervasive in 11 emerging economies. Pew Research Center. Maio de 2019. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/05/13/misinformation-and-fears-about-its-impact-are-pervasive-in-11-emerging-economies/ > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

So Lonely I Could Die. American Psychological Association. Washington D.C. 05 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/2017/08/lonely-die> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

SOMBART, Werner. El Burgués. Contribución a la historia espiritual del hombres económico moderno. Versión española de María Pilar Lorenzo, Revisión de Miguel Paredes. Alianza Editorial. 1998

SOPRANA, Paula. Acesso à internet cresce em 2020 com 64% das casas da classe D/E conectadas. Folha de São Paulo. São Paulo. 18 de agosto de 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/08/acesso-a-internet-cresce-em-2020-com-64-da-casas-da-classe-de-conectadas.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

SOUZA, A. L. Patrícia. Mobilização social em rede: jovens em tempos de novas tecnologias. Le Monde Diplomatique. 05 de novembro de 2012. Disponível em: < https://diplomatique.org.br/mobilizacao-social-em-rede-jovens-em-tempos-de-novas-tecnologias/ > Acesso em: 01 de outubro de 2021.

SPARROW, Besty, et al. Google effects on Memory: Cognitive Consequênces of Having Information at Our Fingertips. Science 333, 776 (2011); DOI: 10.1126/science.1207745

SPITZER, Manfred. *Solitudine Digitale: disadattati, isolate, capaci solo di una vita virtuale?* Gruppo editoriale Mauri Spagnol, 2015

SPITZER, Manfred. *Connessi e isolati. Un'epidemia silenziosa.* Traduzione di Claudia Tatasciore. 1ª ed. Corbaccio, 2018.

TÖNNIES, Ferdinand. Desarrollo de la cuestión social. Traducción de Manuel Reventós – Barcelona – Buenos Aieres - Editorial Labor, S. A.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidad y Asociación. El comunismo y el socialismo como formas de vida social. Traducción de José-Francisco Ivars, revisión de José Luis Monero Pérez. Granada – Editorial Coomares, S. L.

THOREAU, D. Henry. Desobediência Civil (Resistência ao Governo Civil) & Walden. Coleção Universidade de Bolso. Editora Tecnoprint S.A.

TRUCCO, D. e PALMA, A. Editoras, "Infância e adolescência na era digital: um relatório comparativo dos estudos Kids Online Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai", Documentos de Projetos (LC/TS.2020/18/Rev.1), Santiago, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), 2020. Disponível em: < https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20200820160151/infancia_e_adolescencia_na_era_digital_pt.pdf > Acesso em 01 de outubro de 2021.

TWENGE, Jean. Facebook's own internal documents offer a bluerprint for making social media safer for teens. The conversation. Outubro de 2021. Disponível em: < https://theconversation.com/facebooks-own-internal-documents-offer-a-blueprint-for-making-social-media-safer-for-teens-169080 > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

TWENGE. J. M. IGEN: Por que as crianças e hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para vida adulta. nVersos. 2018.

TWNGE, Jean. The Facebook Expose: Four Things Parents Need to Know. Institute for Family Studies. Outubro de 2021. Disponível em: < https://ifstudies.org/blog/the-facebook-expose-four-things-parents-need-to-know > Acesso em: 15 de outubro de 2021.

TWENGE, et al. Worldwide increases in adolescent loneliness, Journal of Adolescence, 2021, ISSN 0140-1971, https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.06.006. Disponível em: < https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140197121000853 >

Twenge, J. M., Cooper, A. B., Joiner, T. E., Duffy, M. E., & Binau, S. G. (2019). Age, period, and cohort trends in mood disorder indicators and suicide-related outcomes in a nationally representative dataset, 2005–2017. Journal of Abnormal Psychology, 128(3), 185–199. https://doi.org/10.1037/abn0000410

TWENGE, et al. Increases in Depressive Symptoms, Suicide-Related Outcomes, and Suicide Rates Among U.S. Adolescents After 2010 and Links to Increased New Media Screen Time. Clinical Psychological Science. Novembro de 2017. https://doi.org/10.1177/2167702617723376

URZAIZ, G. Begoña. Furor com aplicativos de meditação: revolução do bem-estar ou "fast food" espiritual?. El País. Outubro de 2021. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/ideas/2021-10-19/furor-com-aplicativos-de-meditacao-revolucao-do-bem-estar-ou-fast-food-espiritual.html > Acesso em: 20 de outubro de 2021.

WACQUANT, L. (2010) Las dos caras de un gueto. Ensayos sobre marginalización y penalización. Buenos Aires: Siglo XXI ("Prefácio: creación y contención de los marginados urbanos;" "La penalización de la pobreza y el surgimiento del neoliberalismo").

WACQUANT, L. A tempestade global da lei e ordem: sobre punição e neoliberalismo. Revista Sociologia Política. Curitiba, v. 20, n. 41. p. 7-20. fev, 2012.

WACQUANT, L. O corpo, o gueto e o Estado penal: entrevista com Löic Wacquant: por Susana Durão. 2008.

WALKER, Mason. MATSA, Katerina Eva. News Consumption Across Social Media in 2021. Pew Research Center. Setembro de 2021. Disponível em: < https://www.pewresearch.org/journalism/2021/09/20/news-consumption-across-social-media-in-2021/ > Acesso em 15 de outubro de 2021.

WAKEFIELD, Jane. China bans children from using mobile phones at school. BBC. Fevereiro de 2021. Disponível em: < https://www.bbc.com/news/technology-55902778 > Acesso em: 18 de outubro de 2021.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi, Tamás J. M. K. Szmrecsányi. Livraria Pioneira Editora, São Paulo. 1989.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais/Max Weber; tradução Gabriel Cohn – São Paulo: Ática, 2006